



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CAPANEMA
FACULDADE DE HISTÓRIA

ELIZANE GONÇALVES MIRANDA

CARNAVAL DAS ÁGUAS: COMÉDIAS E CRÍTICA SOCIAL,
MANIFESTAÇÕES POPULARES DOS RIBEIRINHOS DE CAMETÁ (PA)

CAPANEMA, PA

2016

ELIZANE GONÇALVES MIRANDA

CARNAVAL DAS ÁGUAS: COMÉDIAS E CRÍTICA SOCIAL,
MANIFESTAÇÕES POPULARES DOS RIBEIRINHOS DE CAMETÁ (PA)

Monografia de Graduação apresentada ao
Curso de História para obtenção do título de
Licenciado em História pela Universidade
Federal do Pará sob a orientação da Prof.^a Dr.^a
Eliane Cristina Soares Charlet.

CAPANEMA, PA

2016

ELIZANE GONÇALVES MIRANDA

CARNAVAL DAS ÁGUAS: COMÉDIAS E CRÍTICA SOCIAL,
MANIFESTAÇÕES POPULARES DOS RIBEIRINHOS DE CAMETÁ (PA)

Monografia de Graduação apresentada ao
Curso de História para obtenção do título de
Licenciado em História pela Universidade
Federal do Pará sob a orientação da Prof.^a Dr.^a
Eliane Cristina Soares Charlet.

Aprovado em: __/__/__

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eliane Cristina Soares Charlet
Orientadora/Campus Universitário de Bragança/UFPA

Prof.^a Msc. Magda Nazaré Pereira da Costa
Campus Universitário de Bragança/UFPA

Prof.^o Msc. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva
Campus Universitário de Bragança/UFPA

CAPANEMA, PA

2016



ATA DE DEFESA DE TCC – MONOGRAFIA II

Ao 01 dia do mês de setembro de 2016, às 16h00., reuniu-se na sala 01, Bloco II, do Campus Universitário de Bragança, a Banca Avaliadora de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia II), composta pelo (a) Orientador (a) **Prof.ª Dr.ª Eliane Cristina Soares Charlet** e pelos (as) Avaliadores (as) **Prof. M.Sc. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva**, e **Prof.ª M.Sc. Magda Nazaré Pereira da Costa** para avaliar o TCC intitulado **CARNAVAL DAS ÁGUAS: COMÉDIAS E CRÍTICA SOCIAL, MANIFESTAÇÕES POPULARES DOS RIBEIRINHOS DE CAMETÁ**, do (a) discente **Elizane Gonçalves Miranda**, matrícula **201216640025**. Após a apresentação, avaliação e defesa, a Banca o considerou Aprovada, atribuindo-lhe o conceito Excelente.

Dado em Bragança (PA), no dia 01 de setembro de 2016.

Orientador (a): Eliane C. Soares Charlet
Prof.ª Dr.ª Eliane Cristina Soares Charlet

Avaliador (a): Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva
Prof. M.Sc. Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva

Avaliador (a): Magda Costa
Prof.ª M.Sc. Magda Nazaré Pereira da Costa

A Deus, pelo dom da vida e a meus
pais pela sua concretização.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela confiança atribuída a minha escolha acadêmica; A minha mãe por todo empenho dedicado a me ajudar nesses anos de existência. Obrigada por disponibilizarem seu precioso tempo para ajudar-me nas muitas andanças pelos rios de Cameté para a realização desta pesquisa. Obrigada pai por ter sido o primeiro a me explicar sobre o Carnaval das Águas. Muito obrigada!

As minhas cinco irmãs pelo apoio de sempre. Agradeço a caçula da família, Elem, por também ter me ajudado na minha pesquisa.

A meus familiares de modo geral: avós, bisavós, tios e primos pela torcida. De forma particular a Tia Edilene, por me acolher em sua casa quando aos meus onze anos de idade decidi sair do rio que me acolheu desde o meu nascimento - Rio Furtados em Cameté-Pa - com o intuito de estudar.

Agradeço a Tia Edna, a prima Érica e ao primo Tiago por também terem colaborado na minha pesquisa. Agradeço a cada um de vocês que me levavam de rabeta até meus entrevistados, pelas risadas e pela disponibilidade.

A meus tios de coração agradeço pelo apoio. Tia Juci, Tia Zezé obrigada!

Agradeço também a Célia e seu esposo Nivonaldo pelo acolhimento nesses anos de estudo. Muito obrigada pela receptividade e paciência comigo.

Agradeço de forma carinhosa aos meus entrevistados, meus conterrâneos e eternos brincantes do Carnaval pela contribuição salutar para a minha pesquisa. Ao Sr. Neco Dias pela atenção a mim dada, pela preocupação com os detalhes na fala, pelo fornecimento de suas comédias e documentação do seu cordão, pelas mais de 5 horas de conversa em sua residência e pela gentileza em me receber. O senhor representa para mim o amor e dedicação ao seu Carnaval, além de ser um artista que precisa ser recompensado pela arte que produz. Agradeço ao Sr. João Nival (Pila) pela entrevista e pelo acolhimento em sua casa, por deixar seus afazeres e me receber. Muito obrigada! Ao Sr. Redinal (Leta) pela atenção dada ao meu trabalho através da sua entrevista. Ao Sr. Cléio de Souza e seu irmão Celso pela entrevista cedida (Mesmo que suas falas não tenham sido neste trabalho estudadas por motivos de seleção), agradeço igualmente. Ao Sr. Clomiro pela atenção, e mesmo com todas as dificuldades em falar por conta de um problema de saúde, não hesitou em me receber em sua casa e me detalhar ao máximo informações do Carnaval, do seu Carnaval. Vê-lo chorar emocionado ao falar, fez-me perceber a emoção estampada nas palavras, em seu rosto e nos gestos que fazia ao mostrar-me como ele

fazia na condição de primeiro palhaço de seu cordão “os piratas” quando dançava. Chorei também, é evidente. Ele que dançou mais de 25 anos e hoje é referência para as novas gerações. Obrigada também a sua esposa a senhora Elza dos Santos pela atenção e pela foto cedida. Muito obrigada!

Agradeço também à senhora Marciolene por ter me recebido e me cedido fotografar seu álbum de fotos pessoais, além de detalhar cada imagem. Muito obrigada! Agradeço também ao Sr. Francisco Ramos do Rio Viseu pela atenção. Ao Sr. Manoel Marques (Manelão) o dançante mais experiente dos carnavais. Agradeço a sua esposa igualmente pela atenção em me receber em sua casa.

Agradeço também ao Sr. Valdinho, João Augusto, Evandro e Dona Helena sua esposa pela rodada de conversa por horas. Muito obrigada pela atenção. Ao Sr. João Maria agradeço também.

Agradeço ao Sr. Eulálio Tenório e Raimundo pelas horas de conversa. Muito obrigada pela receptividade e pelo fornecimento de documentos de seu cordão. Obrigada também ao Sr. João Rodrigues pela disponibilidade em me receber em sua casa. Agradeço a todos de forma particular. Agradeço também ao Sr. Afonso Nogueira pelo fornecimento de seu acervo fotográfico do Carnaval das Águas e pelas informações a mim repassadas. Muito obrigada! Nesses mais de 10 dias de andanças pelos rios, de conversas e risadas, mas sobretudo, de levantamento de fontes e de conhecimento e experiência adquirida, agradeço a todos pela atenção. Foram cansativas e exaustivas as viagens, mas valeram a pena. Ah, se valeram.

Obrigada aos funcionários do Arquivo Público do Pará pela prestatividade com seus serviços; ao Sr. Flávio do Museu de Cametá pela atenção. Obrigada!

Aos heróis, meus professores, que me ensinaram o que é ser professor e a escolher tal profissão. Nomeio todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram na minha formação desde a educação básica ao nível superior.

Na educação básica, a professora Isabel e Celma Ferreira lá do Rio Furtados pela dedicação ao ensino na Escola Municipal Raimundo Inácio Ferreira. No ensino fundamental na Escola Estadual Prof.º Benício Lopes a querida professora Fátima Paes, que me proporcionou na 8ª série do ensino fundamental a compreender a beleza de ser professor; pelo seu incentivo e por acreditar em mim, na minha capacidade enquanto aluna. Obrigada! Foram tantos professores.

No ensino médio na Escola Estadual Inácio Koury Gabriel Neto conheci a minha segunda família, que até o momento que escrevo este texto considero como tal. Aos professores Sonia Maria (Diretora), Gilvany Araújo (Física), Sheila Solange (História), Thiago (Português),

Márcia Araújo (Português), Eliana (Filosofia), Alexandre (Matemática), Tiago Luz (Química) que deixou tanta saudade quando foi embora, Rovison (Geografia), Arthur (Português) e tantos outros que contribuíram para a minha formação e que na condição de ex-aluna da escola ficou a amizade.

Agradeço de modo particular ao professor Felipe Lima (História) que sempre esteve disposto a me ajudar fosse explicando um texto ou emprestando-me os seus livros, meu muito obrigada! Agradeço igualmente a professora Maria da Conceição (Sociologia e vice-diretora da Escola Inácio Koury) pelo carinho a mim oferecido, pelo exemplo de professora, e, sobretudo, pela disponibilidade que sempre me demonstrou. Muito obrigada! Obrigada também professor Benedito (História) pela ajuda e incentivo, pelas indicações de leituras e por ter me dado materiais (livros) fundamentais para esta pesquisa. Muito obrigada! Obrigada também à professora Karla Damasceno (Inglês) pela ajuda na tradução do resumo desta monografia, muito obrigada! Sinto-me lisonjeada em saber que posso contar com vocês.

A Dona Marlene (Porteira) e Daílton pela amizade e a todas as pessoas da merenda das quais não me recordo os nomes. A amizade construída com Gledson, obrigada pela sua amizade. Muito obrigada a todos!

Agradeço aos professores do cursinho Méson Pi pela dedicação em ensinar. De modo particular ao professor Gleidson Lima (Geografia) pela indicação de sites dos quais editei o mapa que ilustra o cenário dos rios de Cametá. Muito obrigada!

À Universidade Federal do Pará pelo acolhimento e contribuição salutar na minha formação enquanto futura professora. A minha eterna gratidão aos professores: Ypojucan Campos, Roberta Alexandrina, Adilson Brito e Roseane Pinto pelas primeiras disciplinas ministradas no curso; a Dário Benedito pela brilhante atuação como professor, pelas broncas e pela ajuda em meu retorno a UFPA depois do trancamento da matrícula em 2014, obrigada também pelas indicações de leitura, pois foram de extrema importância.

Aos professores Marcos Vinicius, Klayton Campelo, Augusto Leal, Kátia Faro, Jaime Pantoja, Marta Moura pela contribuição na minha formação acadêmica, muito obrigada! Agradeço também de modo particular a professora Mágda Costa pelas indicações de leituras e pelo empréstimo de seus livros quando necessário.

Agradeço de modo particular a minha orientadora, professora Eliane. Escolher um tema para a Monografia decerto que não é fácil, quanto mais ter um orientador. Pois bem, o tema já estava definido, no entanto, o orientador não. Em um dia de aula comum professora Eliane me pergunta: Elizane, e o TCC? A resposta não era difícil: Está indo. (risos) Em conversas com outros professores solicitando orientação percebia que ou deveria mudar de tema ou esperar a

escolha do orientador pela Faculdade. Foi então que a professora Eliane disse: Posso te orientar, gosto do teu tema. Agora é assim Elizane, eu não vou ficar pegando no teu pé. (risos) Você quer que eu te oriente? É evidente que não pensei muito. Aceito! E ela: Vai pesquisar! Pronto, desse dia em diante senti a obrigação de dar o meu melhor, de cumprir com meus compromissos e de ser a mais prestativa possível.

Sei que orientador não é pai e nem mãe, mas a senhora foi oh. Me deu bronca quando eu não tinha disciplina, por não saber lidar direito com a pressão de cursar mais de duas disciplinas ao mesmo tempo e ainda dar conta da pesquisa. No entanto, elogiou quando deveria. Elizane, tu não dorme não mana, pelamordi! (risos) A professora de bordões famosos e tão querida e amada por todos, além de ser requisitada para orientação. Obrigada professora Eliane por acreditar em mim, por ver na minha pesquisa tamanha relevância, e por ter me incentivado a escrever sobre o tema. Obrigada de coração por tudo. Há! Muito obrigada mesmo! Espero não ter lhe decepcionado.

Agradeço aos professores da Faculdade de Castanhal (Estácio/Fcat) por me receberem tão bem em 2014. Ao professor Renato Aloizio agradeço pelo incentivo a escrever sobre o tema desta monografia, pelo excepcional professor que és. Agradeço também aos professores Jôsiel Ferreira, Alan Watrin, Cláudia Ferreira, Ana Paula Sá, Maria do Socorro Lacerda, Isabel, Mário Gouvêa e professor César Pinto pela atuação como excelentes profissionais. Os dois semestres cursados nesta instituição tiveram uma importância significativa, pois me descobri no curso e então decidi retornar para a UFPA. Agradeço também ao querido professor Jaime Cuéllar Velarde pelas indicações de leitura, assim como o envio de sua dissertação de mestrado e artigo recém-publicado e pela sua amizade. Mesmo não tendo enveredado na pesquisa sobre Ditadura Civil Militar como era de vosso grado, sempre me ouviu e me ajudou na minha pesquisa. Em outro momento me debruçarei sobre o tema. Muito obrigada a todos!

Agradeço a amizade construída com os colegas de classe, a Brenda Barroso pelo acolhimento e pela demonstração de amizade fora da faculdade. E a Paula Isabele pela amizade agradeço igualmente.

Agradeço a amizade construída nesses anos de curso com Alessandra Macêdo, Bruna Vanessa, Joabson Monteiro, Márlon Leal e Viviany Ribeiro. Obrigada pela cumplicidade, pelos desentendimentos, mas, sobretudo, pelo reconhecimento de ter pessoas com quem contar nesses anos de curso. Que a amizade com vocês possa ser duradoura. Á amizade com Flávio Sales, Sérgio Odilon, Leônidas Andrade, Adan Monteiro, Adailson Santos, Anderson Cavalcanti, Tadeu Moura, Tarcisio Moura, Leonan, Leytice, Nara, Sabrina, Tiago, Victor, Erika, Francisco,

Felipe Mota, João Felipe, Steffany, Vanderson, Maridalvo, Keule e aos demais da turma, obrigada.

Agradeço as turmas de História de Bragança 2013 e 2014 pelo acolhimento. Trancar o curso não foi uma decisão fácil, pois envolviam no momento além de questões pessoais, profissionais. Decidi trancar. Retornar em 2015 foi tão difícil quanto trancar a matrícula, mais eu voltei e fui acolhida por pessoas maravilhosas das quais tenho grande admiração. Obrigada Lilian e Claudiane por me acolherem na vossa república e em Bragança. Obrigada a todos da turma de 2013 pela amizade. A turma de 2014 agradeço igualmente.

Agradeço a todos que possibilitaram a minha entrada na Universidade, a todos que acreditaram em mim de alguma forma, e a todos os que desacreditaram ou torceram pela minha derrota.

Agradeço também aos meus amigos e a todos aqueles que torcem por mim. Obrigada Nayra pela amizade. Ellem Santos e Thays Lima, obrigada pela parceria de sempre desde os tempos de cursinho, obrigada! Ewerton Paulo e Diego Souza obrigada igualmente pela amizade. Raiza Braga, chegou chegando. Obrigada! A amizade de vocês representa, sobretudo, o companheirismo, a cumplicidade, o acolhimento, o respeito e a demonstração de afeto ao longo desses anos. Obrigada por torcerem e acreditarem em mim. Gratidão é a palavra que define a nossa amizade.

Gratidão é o que define o meu agradecimento a cada uma das pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação e para a realização desta pesquisa.

Eu consegui vencer mais uma etapa.

Obrigada Deus!

“Carnaval é bom para brincar, é bom para fazer e é bom para pensar. ”

(Maria Laura Cavalcanti e Renata Gonçalves)

“...porque, se alguns idiotas estourarem um dia este planeta, em algum outro lugar do cosmos
terá gente dançando e cantando nas ruas. ”

(Mario Audrá)

RESUMO

Este trabalho pretende contribuir para a compreensão do Carnaval, especificamente, com o Carnaval das Águas que é característico e particular do município de Cametá como um instrumento festivo que corrobora para a manutenção e propagação da identidade das populações ribeirinhas a partir da sua cultura local, e que, através de seus cordões de mascarados atravessam séculos e perpetuam até os dias atuais a tradição das antigas cantigas de serenata feita nos rios mediante as comédias produzidas pelos próprios brincantes, assim como as máscaras, as fantasias e toda a organização da festa. As comédias de diversos assuntos e intencionalidades, desde a poesia à crítica social dão voz à comunidade mediante seus grupos carnavalescos com características particulares, onde falam dos anseios e demandas sociais cotidianas através do tempo.

Palavras-chave: Carnaval das Águas, Cultura Popular, Comédia e Crítica Social.

ABSTRACT

This paper intends to contribute to the Carnival understanding, specifically the Water Carnival which is characteristic and peculiar from the city of Cametá as a festive instrument that corroborates to the identity maintenance and spread of the culture of the river-side population from its local culture, and which, through their masquerade's parades that cross centuries and perpetuate up to now the old traditional serenade songs sung by the rivers through the comedies from the participants of the parades, as well as the masks, the costumes, and all the organization of the fest. The comedies of different intentions, from the poetry to the social criticism give voice to the community through its festival groups with peculiar characteristics, express the social demands and everyday anxiety through time.

Keywords: Water carnival, Popular Culture, Comedy and Social Criticism.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** “Os Linguarudos” no Rio Santana. (Foto: Afonso Nogueira – Ex. diretor da Secretaria de Cultura de Cametá - 2009) _____23
- Figura 2:** Mapa via satélite das extremidades entre os municípios de Cametá e Mocajuba. (Disponível em: Google Earth – Edição: Elizane Miranda) _____29
- Figura 3:** Apresentação do “Cordão da Bicharada” no barracão Nossa Senhora das Graças no Rio São Raimundo dos Furtados. (Foto: Elizane Miranda/julho de 2009) _____36
- Figura 4:** “Cordão da Bicharada” na abertura do Carnaval na Praça das Mercês em Cametá. (Foto: Afonso Nogueira – ex diretor da cultura/2014) _____36
- Figura 5:** Brincante (Primeiro e segundo palhaço) do cordão “Os Faladores” na abertura do Carnaval das Águas na praça das Mercês em Cametá. (Foto: Afonso Nogueira – ex diretor da cultura/2014) _____39
- Figura 6:** Máscaras feitas de pão de queijo do cordão “Última Hora” no Rio Témentem. Estão guardadas na residência do Sr. Eulálio Tenório. (Foto: Elizane Miranda/novembro de 2015) _____40
- Figura 7:** Máscara de um dançante do cordão “Os Linguarudos”. Moldada no barro e recoberta de papelão e colada com goma de tapioca. De posse do Sr. Joanivaldo Lopes Mendonça um dos sócios do cordão. (Foto: Elizane Miranda/novembro de 2015) _____42
- Figura 8:** Neco Dias em sua residência no Rio Santana no município de Cametá (PA). (Foto: Elizane Miranda, novembro de 2015) _____56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I - CAMETÁ E SUAS EXPRESSÕES CARNAVALESCAS	22
1.1 O Carnaval das Águas e seus encantamentos	22
1.2 Dos expressivos músicos aos cordões de mascarados ribeirinhos	28
1.3 Da essência às diferenças: as particularidades dos cordões	34
1.4 Símbolos e representatividades do Carnaval das Águas: as fantasias, as máscaras e as comédias	38
CAPÍTULO II - AS COMÉDIAS DOS CORDÕES DE MASCARADOS SOB UMA PERSPECTIVA DE CRÍTICA SOCIAL	45
2.1 O poder de expressividade das comédias	45
2.2 O papel social das comédias	50
2.3 Neco Dias: o escritor da crítica social	55
2.4 Da crítica social ao banco dos réus	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
FONTES	70
REFERÊNCIAS	72
ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

Qualquer semelhança do nosso atual Carnaval¹ com os antigos festejos do Entrudo, trazido pelos portugueses, não é uma mera coincidência². Chamava-se Entrudo o antigo Carnaval português; o termo significa “entrada”, segundo dizem, sendo celebrada para festejar a entrada da primavera; muito antes do cristianismo, cobria o mesmo período do ano e era precedida por várias comemorações esparsas no calendário, que a anunciavam. Com a implantação do cristianismo, passou a se realizar do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas. Mas compreender a partir da reinvenção do Carnaval no Brasil, o Carnaval das Águas no município de Cametá (PA)³ tendo em vista a função de crítica social através das comédias produzidas por esses moradores que são ao mesmo tempo os organizadores, brincantes e artistas.

Não é que o Carnaval tenha sua origem no Brasil, mas, sem dúvida, foi aqui reinventado e de maneira plural. O Carnaval nas Águas por sua vez está dentro dessa diversidade cultural do qual o Brasil faz parte, e dentro de uma lógica de liberdade, onde a expressão cultural se dá

¹O Carnaval, é, sobretudo, uma festa europeia fundida pelos séculos XII e XIII. Se é cristã ou pagã, esse debate não cabe aqui, mas fora reinventado por vários países da Europa, especificamente, pela Itália que irá representar durante longas datas o símbolo do Carnaval em Veneza e Nice. No sul da Europa o Carnaval era a maior festa popular e propícia para encenações mediante alguns rituais carnavalescos ao longo do ano. Daí ele ser visto como uma grande peça ao ar livre, onde as pessoas podiam claramente ou as escondidas expressar seu espírito festivo. O uso de máscaras é propício ao espetáculo como símbolo de ironia. É muito comum ao se referir ao Carnaval imaginar as cidades, no entanto, essa prática era também camponesa. Cada Carnaval possui suas próprias características, não havendo um igual ao outro, isso é claro a partir de alguns critérios estabelecidos, neste caso o Carnaval do início da Europa Moderna. O período do Carnaval era em janeiro e a agitação ao passo que se aproximava a Quaresma. (BURKE, 2010). Mas tais práticas serão vistas em outros países a exemplo do Brasil que chegou através da colonização portuguesa, mas especificamente no início do século XVIII com as brincadeiras de Entrudo. O século XIX traz consigo inúmeras formas de brincar o Carnaval como os corsos, os ranchos, os cordões e no XX a efetivação do Carnaval com os desfiles das Escolas de Samba em 1935, atrelado a uma construção da identidade nacional, denominada de cultura popular. Nesse momento era evidente a distinção entre os Carnavais dos pobres, dos intermediários e da elite. Além do Rio de Janeiro, cidades como Recife e Olinda em Pernambuco, na Bahia os trios elétricos e numa dimensão maior lugares menores configuram o caráter do “País do Carnaval”, pela sua maneira de criar num mesmo espaço formas particulares de festejar o Carnaval. (GÓES, 2013).

²Revista Eletrônica Temática: <http://www.insite.pro.br/2006/02.pdf> 17/08/2015 18h04min. TRIGUEIRO, Osvaldo Meira O Entrudo e as origens do nosso Carnaval. 2006. p. 2.

³Cametá é uma cidade do Nordeste paraense, com uma população estimada de 130.868 habitantes segundo o senso do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2015. Está situada à margem esquerda do Rio Tocantins. Foi considerada como Patrimônio Histórico Nacional pela lei n.º 7537, de 16 de setembro de 1986 pela sua importância histórica. Seu nome deriva da etnia indígena que viveu na localidade, os Camutás, do qual deu origem ao nome da cidade. No entanto, essa definição de nome tem várias interpretações dentre elas e que está presente no Dicionário Toponímico da Microrregião é a de Jorge Hurley que definiu como sendo os degraus ou palanques feitos pelos indígenas para a caça ou moradia. Datada e 24 de dezembro de 1635, a sua firmação administrativa como Vila Viçosa de santa Cruz de Camutá. Hoje com 381 anos, o município é referência no Estado quando o assunto é Carnaval. http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_14.pdf. Acesso em: 16-08-16, 22:39.

espontaneamente respeitando as particularidades de cada grupo social. Por outro lado, é necessário compreender mediante esses aspectos culturais, o papel assumido pela cultura carnavalesca nesse entrelaçado de interesses. Na qual essas finalidades são expressas na estruturação de cada Carnaval, que está atrelado a uma tradição, mas, também, a uma produção artística de seu tempo. Em se tratando do Carnaval das Águas, com suas rimas e trovas, buscam expressar sentimentos na sua maioria de insatisfação contra uma determinada realidade social.

Agora seria um grande equívoco pensar que todas as transfigurações do Carnaval são alienantes ou idênticas. É, na verdade, uma ocasião para extravasar as insatisfações, expulsar as mazelas sociais, de fazer crítica às autoridades, aos políticos e ao poder econômico, sem rancor e sem raiva, mas com a maledicência e o riso no rosto. Esse riso, portanto, que será analisado através das comédias no segundo capítulo desse trabalho.

Partindo de uma necessidade de compreensão do âmbito social e cultural e dos mecanismos inseridos nesse processo histórico e cultural da cidade de Cameté (PA), vejo como instrumento dessa compreensão a análise do Carnaval Ribeirinho, que em 2010 foi chamado de Carnaval das Águas pela Secretaria de Cultura do município, e atrelado a uma tradição carnavalesca da cultura popular e do folclore, se reinventam nos meses de fevereiro, expressando com suas comédias a realidade social.

O Carnaval das Águas está, pois, no centro desta análise. Este espetáculo das águas do Rio Tocantins é composto de grupos carnavalescos denominados de cordões de mascarados. Esses cordões são formados por moradores dos rios afluentes ao Rio Tocantins, entre os municípios de Cameté e Mocajuba (Pa). Muitos são os cordões pertencentes ao Carnaval das Águas. No entanto, para esta análise serão apresentados apenas sete, cujo nomes e localização são: “Os Faladores” no Rio Jacarecaia – Mocajuba (Pa); “Bola Preta” no Rio Viseu – Mocajuba (Pa); “Os Linguarudos” no Rio Santana – Cameté (Pa); “Os Piratas” no Rio Turema – Cameté (Pa); “A Bicharada” na Vila de Juaba – Cameté (Pa); “Rei da Brincadeira” no Rio Pacovatuba – Cameté (Pa) e “Última Hora” no Rio Tentém – Cameté (Pa).

Cada cordão é constituído de seus coordenadores e/ou responsáveis pela organização e manutenção das apresentações; de aproximadamente 45 brincantes; de fantasias específicas e características de cada um; de personagens de nomes como: primeiro e segundo palhaço, namorada, época, fuxiqueiro, repórter, velho, velha, etc.; de comédias em trova compostas pelos próprios brincantes, cuja intencionalidade é variável entre comédias de crítica e romanceadas, isso depende da particularidade de cada cordão. Esses cordões são mantidos pela garra de seus responsáveis, e também, pela ajuda através dos patrocínios de órgãos públicos e de particulares. Compõem anualmente suas comédias em rimas para seus personagens falarem nas

apresentações. É certo que há uma acirrada crítica, onde o lúdico, a beleza das fantasias, o riso e todo o aparato que se faz dentro das apresentações, de certo modo, camuflam essa criticidade ou essa mensagem de indignação e protesto que esses dançantes buscam expressar nas comédias. Entretanto, não são todos os cordões que fazem tais críticas, há os que mantêm a essência nas cantigas de serenata compondo comédias românticas.

Assim, analisar as manifestações culturais dessas populações ribeirinhas no município e o percurso da crítica social que esse carnaval proporciona, é, sobretudo, um mecanismo de contribuição histórica para a cultura local, mas também, uma maneira que encontrei para esclarecer dúvidas, preconceitos construídos sobre o Carnaval, expressadas através da organização desses grupos carnavalescos, que perpassam a ideia das avenidas, dos carros alegóricos e das fantasias exuberantes.

Mas, de um Carnaval envolto por rios, de barcos coloridos pelas fantasias simples dos brincantes, mas cheia de dedicação para sua confecção, onde o rio é a avenida principal por onde se apresentam para a comunidade ribeirinha antes de aportarem nas casas. Além de trazerem consigo uma insatisfação social de problemas relacionados à política, a saúde e a tantas mazelas que a sociedade está exposta, em verificar através da memória dos integrantes desses grupos e da letra de suas comédias, o significado da representação do Carnaval como instrumento favorável de realização dessa crítica social. Logo, compreender o Carnaval das Águas como expressão cultural e popular, característica do município de Cametá.

Assim, através do aporte da História Oral, como possibilidade de compreensão das memórias sobre o Carnaval dos Ribeirinhos a partir de relatos de aproximadamente dez entrevistados: Florivaldo Oliveira Neves, 47 anos e Evandro Pires F. de Carvalho, 73 anos, “Os Faladores”, morador do Rio São Joaquim – Mocajuba (Pa); Manoel Pereira Marques, 80 anos, “Bola Preta”, Rio Viseu – Mocajuba (Pa); Benedito Medeiros Dias, 70 anos e João Nival Lopes Mendonça, 45 anos, “Os Linguarudos”, morador do Rio Santana – Cametá (Pa); Clomiro Meireles, 65 anos, “Os Piratas”, Rio Turema – Cametá (Pa); João Moraes, 66 anos, 66 anos, “Rei da Brincadeira”, Rio Pacovatuba – Cametá (Pa); Eulálio Tenório, 54 anos e Raimundo Pinto Batista, “Última Hora”, Rio Tentém – Cametá (Pa) e Afonso Nogueira, Ex-diretor de cultura de Cametá, 55 anos, Cametá (Pa). As entrevistas foram realizadas entre os meses de novembro de 2015 e janeiro de 2016 e não seguiram um roteiro de perguntas. Todos os entrevistados ficaram à vontade para falar sobre sua experiência e sobre seu carnaval.

Evidente que mediei e direcionei em momentos oportunos a conversa, afim de obter informações acerca da problemática e do objetivo deste trabalho: compreender o Carnaval das Águas e as comédias como instrumental de crítica social e como manifestação popular e cultural

do município de Cametá. Uma vez que busco analisar o percurso das manifestações carnavalescas dos moradores ribeirinhos de Cametá desde as cantigas de serena até a formação dos cordões de mascarados vigentes nos dias atuais, que através de suas comédias em trova demonstram seu descontentamento sociais.

A estrutura do trabalho é a seguinte: dois capítulos, contendo quatro subtópico cada um. No primeiro capítulo “Cametá e suas expressões carnavalescas” será possível compreender a dimensão carnavalesca e o surgimento do Carnaval das Águas no município. Um Carnaval secular e as pessoas que constituem esses cordões carnavalescos, são fruto das experiências vivenciadas em seu ambiente natural, das trocas e das relações estabelecidas com as pessoas da comunidade, mas que através de uma tradição hierarquizada do Carnaval, constituem seus grupos a fim de manterem vivas as suas representações culturais e festivas dos dias de folia. É, pois, com a “transmissão dessas técnicas particulares”⁴ das experiências cotidianas que os sujeitos sociais constroem e cumprem seus conhecimentos adquiridos nesse processo de aprender com o outro técnicas e maneiras de vivenciar os costumes locais imbricados a uma tradição que transcende os séculos do festejo e comemoração do Carnaval.

As mais de duzentas comédias analisadas – a maioria delas são acervo pessoal do Sr. Neco Dias - foram selecionada e compõem a análise do segundo capítulo deste trabalho intitulado “As comédias dos cordões de mascarados sob uma perspectiva de crítica social” se propõe analisar e compreender o percurso e a intencionalidade desses compositores locais ao usarem as rimas das comédias – essas comédias são composições feitas pelos integrantes dos cordões e são faladas pelos personagens nas apresentações. Elas são, geralmente, decoradas ou improvisadas quando esquecidas - para expressarem e denunciarem a realidade local.

De posse da História Social e Cultural, procuro analisar a relação desse Carnaval constituído num espaço interiorano à beira dos rios a partir de uma compreensão do Carnaval que ultrapassa a ideia das ruas, cuja perspectiva cultural nesse contexto histórico estar sob a da cultura popular. No sentido mais claro, a cultura popular seria a cultura do povo, da não elite, das classes subordinas e subalternas, onde se enquadravam os camponeses, por exemplo, no início da Idade Moderna.⁵ Camponeses esses alvos dos reformadores católicos e protestantes contra a cultura popular.⁶ Então, compreende-se aqui atrelado a essa condição de

⁴THOMPSON, E. P. Costumes em comum / E. P. Thompson: revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

⁵CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Em torno do carnaval e da cultura popular. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 7-25, nov. 2010, p.8. Disponível em: http://www.tecap.uerj.br/pdf/v72/maria_laura.pdf.

⁶BURKE, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das letras,1989.

subalternização, os ribeirinhos de Cametá que se enquadram nessa definição, mas, isso não os pormenoriza, uma vez que o Carnaval não é festejado apenas pelos pobres; ao contrário, os colocam como colaboradores da construção de sua identidade cultural a partir daquilo que se afirma como cultura popular.

O Carnaval por sua vez segue como mais uma das expressões culturais populares dentro de um conjunto de outras manifestações no espaço social brasileiro e nesse caso cametaense. Por conseguinte, o cultural atrela-se ao popular, tornando-se então cultura popular. Compreender o Carnaval das Águas no Rio Tocantins sob a ótica de uma expressão cultural, e até folclórica, que está envolta numa experiência cotidiana dos moradores dessas localidades ribeirinhas, é, sobretudo, compreender a dinâmica cultural ao qual estão inseridos com seus ritos carnavalescos. Olhado pelo prisma do saber do povo, o popular é o que se refere a tradição, o receptáculo de suas invenções diante de uma proposta de modernidade.⁷

Logo, a experiência de vida de cada um desses sujeitos confirma uma conclusão a que os estudiosos sobre o assunto acabam quase sempre chegando: não é fácil separar a dimensão individual da construção e do exercício cotidiano da identidade de sua dimensão social⁸. Essas experiências costumeiras repassadas por gerações, se fundem no que hoje compreende-se como cultura.

Há sob essa perspectiva, a propagação de uma tradição secular dentro de um espaço que é requerido pelos grupos constituintes do Carnaval, os rios. Isto é, o Carnaval requer – seja na rua, na viela, na praça ou na avenida; seja no clube, na escola ou em casa – um espaço próprio⁹. São muitos os Carnavais no mundo. São muitos os Carnavais do Brasil, múltiplas as formas de expressão que revelam, exemplarmente, a nossa diversidade cultural¹⁰.

Portanto, a partir das questões apresentadas e da necessidade de se escrever sobre um Carnaval das Águas, que de certo modo parece tão restrito a uma parcela da população, e desconhecido por outros, mas que é específico a uma determinada localidade, é que se segue essa escrita. O Carnaval, assim, passou a ser uma festa composta dos mais variados elementos, tanto de prestígio luxuoso e elegantes organizados pelos foliões mais endinheirados como

⁷CATENACCI, Viviani. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. São Paulo Em Perspectiva, 15(2), p. 28-35. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>.

⁸RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. O outro: esse difícil. In. Identidade e etnia; Construção da pessoa e resistência cultural; Campinas, brasilienses, 1986.p. 39).

⁹DAMATTA, Roberto. 1936 - Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro/Roberto DaMatta. – 6ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 111).

¹⁰ Revista Observatório Itaú Cultural: OIC. – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013. GÓES, Fred. Brasil: o país de muitos Carnavais. p. 61-70. 2013. p. 61.

daqueles mais simples organizados pelos grupos menos abastados¹¹. Deste modo, a relevância deste trabalho não está em descrever e/ou explicar a origem do Carnaval desde o seu surgimento na Europa como ligado a uma festa pagã ou cristã; seus percursos pelo Brasil com as práticas do Entrudo¹². Mas, compreender o Carnaval a partir de suas peculiaridades, que neste caso a do Carnaval nos rios, das águas.

¹¹BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré. Vândalos na folia: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20. 2001. 147f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

¹²QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito/Maria Isaura Pereira de Queiroz – São Paulo: Brasiliense, 1999, p.30.

CAPÍTULO I: CAMETÁ E SUAS EXPRESSÕES CARNAVALESCAS

1.1- O Carnaval das Águas e seus encantamentos

E a folia começa nas águas. É possível ouvir de tão longe o som do tambor, tarô, trombone, pistom e saxo anunciando a folia com as mais belas marchinhas. Lá vem o Carnaval! A comunidade se apressa para chegar à casa onde irá acontecer à folia antes do cordão aportar. Em seus barcos, rabetas¹³ e canoas começa a movimentação, chamam o vizinho, pedem carona, o importante é ir ver o Carnaval. É notória essa agitação no rio, porque está vindo o cordão, em barcos coloridos com fantasias que exprimem alegria, com uma exuberância própria, fruto de uma confecção experiente de tantos outros carnavais, cuja recompensa é o riso, riso esse expressado através das comédias que satirizam com rimas o descontentamento social.

A alegria é contagiante e o riso garantido. Pelos rios até chegar ao seu destino encantam e agitam os moradores das comunidades ribeirinhas. Brincantes mascarados com as mais variadas máscaras que representam diferentes expressões faciais, umas pequenas, outras grandes demais, os tamanhos são desproporcionais, nariz enorme, boca, língua e até o formato da cabeça, tudo tem uma intenção, criticar a realidade social, afinal é Carnaval.

Chegando ao local destinado para a apresentação, os principais personagens do cordão: o primeiro palhaço vem na frente com seu estandarte na mão e o segundo palhaço lhe acompanha, pois é assim que funciona o cordão segundo a sua tradição. Este pede licença e apresenta seu cordão, dá uma forte batida no chão com a vara do estandarte dando início a apresentação, sendo ele a autoridade maior desse Carnaval esta é a sua função.

São muitos personagens, e a quantidade varia de cada cordão, mas cada um tem seu papel, lançar suas comédias e alegrar a multidão. Primeiro palhaço, segundo palhaço, namorador, namorada, alcoviteira, repórter, pisqueiro¹⁴, época e muitos outros, isso depende de cada cordão, e assim, com suas comédias decoradas começa o diálogo na roda do cordão e se por ventura ela for esquecida vale a criatividade no improviso. Os nomes dos personagens estão relacionados as comédias que cada um fala na apresentação.

¹³Meio de transporte utilizado pelos ribeirinhos e caracteriza-se como uma espécie de canoa motorizada.

¹⁴Expressão muito utilizada pelo caboclo amazônico, principalmente, no baixo Tocantins e tem por finalidade caracterizar o indivíduo que possui o péssimo hábito de se intrometer na conversa alheia. “Psicar” é dar palpite sem a permissão do outro em diversas situações, seja em uma conversa, por exemplo.

Existe também o cordão que representa a natureza, é a bicharada, com personagens da fauna amazônica como: galo, jabuti, jacaré, urubu, tucano, boto e tantos outros personagens que também segue esse roteiro. De modo geral são aproximadamente 55 brincantes para cada grupo, mas isso não é regra geral alguns têm mais outros menos, cada um com suas particularidades.

O público fica na expectativa para ver a apresentação, são 45 minutos aproximadamente de muita animação. “Quem tem culpa no cartório” que não vá à apresentação, pois nas rimas das comédias podem falar da sua situação. E se assim for, é preciso relevar, pois faz parte da animação as comédias de crítica. A crítica pode ser dos mais variados assuntos, então não pode se assustar já que é Carnaval de tudo se pode falar, do vizinho, do prefeito, do padre, do pastor, da política, da religião e de qualquer situação.

São homens, mulheres, crianças que compõem o Carnaval, não há restrição para a participação, seja jovem ou idoso. É preciso ter boa dicção, pois a fala é a aliada na hora da exposição. Dada à apresentação, despede-se o cordão, dançando rumo aos barcos para a próxima encenação. Cada cordão tem um nome “Os faladores”, “Os Linguarudos”, “Última Hora”, “Rei da Brincadeira”, “Bola Preta”, “A Bicharada” e muitos outros compunham esse espetáculo do Carnaval dos Ribeirinhos, que de geração em geração promovem a alegria e diversão das comunidades do baixo Tocantins, mais precisamente do município de Cametá. Os nomes dos cordões têm relação com o lugar que os abrigam.



Figura 1: “Os Linguarudos” no Rio Santana. (Foto: Afonso Nogueira – Ex. diretor da Secretaria de Cultura de Cametá - 2009).

Esse é o Carnaval dos Ribeirinhos com uma particularidade em Cametá e também em Mocaíuba e que traz consigo uma carga cultural rica de uma tradição secular e que representa, sobretudo, um dos elementos da identidade das populações ribeirinhas do baixo Tocantins. E, se nessas linhas se notar rima foi intencional, pois é assim que funciona esse Carnaval.

É, pois, imprescindível compreender dentro do que é o Carnaval, este não se limita às proporções citadinas dos carros alegóricos, dos abadá e afins, cuja festa se reinventa incorporando elementos de outras práticas culturais e que ganham sentidos diferentes de práticas antigas a exemplo das brincadeiras do Entrudo. Muito embora o Carnaval dos Ribeirinhos tenha sua raiz no samba de cacete¹⁵ e o siriá¹⁶ através da “Banda Sociedade Euterpe Cametaense” com “Mestre Cupijó”¹⁷ e seu nascimento, aproximadamente, na década de 90 no século XIX. Antes de explicar o que era a Banda Sociedade Euterpe Cametaense é preciso compreender o que eram “as sociedades” na discussão sobre Carnaval por volta da segunda metade do século XIX, onde ganha notoriedade a “Sociedade Euterpe Cametaense”. É, pois, possível compreender o surgimento das Grandes Sociedades Carnavalescas sob a ótica da substituição das práticas do entrudo que desde o período imperial ao republicano foram condenados como incivilizadas, e é, pois, dentro desse cenário de substituição de expressões

¹⁵Samba de cacete: manifestação cultural encontrada em quase todas as comunidades quilombolas da região do Rio Tocantins. Embora cada comunidade o realize de uma forma particular, os instrumentos, os ritmos, as formas de dançar e as letras das músicas são bastante semelhantes. O que varia são as ocasiões nas quais ele é celebrado. No Samba do Cacete são utilizados dois tambores grandes confeccionados pelos próprios quilombolas com troncos ocos de árvores e tendo em uma das extremidades um pedaço de couro amarrado com cipó. As letras das músicas estão relacionadas ao cotidiano das comunidades e tratam de temas como o trabalho, a louvação aos santos, a natureza e o amor. Podem ser improvisadas ou tradicionais, sendo essas últimas transmitidas oralmente entre as gerações. (http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/pa/nordeste/tomasia_cacete.html, 22-02-16,15:58).

¹⁶A mais famosa dança folclórica do município de Cametá é uma das manifestações coreográficas mais belas do Pará. Do ponto de vista musical é uma variante do batuque africano, com alterações sofridas através dos tempos, que a enriqueceram de maneira extraordinária. Contam os estudiosos que os negros escravos iam para o trabalho na lavoura quase sem alimento algum. Só tinham descanso no final da tarde, quando podiam caçar e pescar. Como a escuridão dificultava a caça na floresta, os negros iam para as praias tentar capturar alguns peixes. A quantidade de peixe, entretanto, não era suficiente para satisfazer a fome de todos. Também chamada pelos estudiosos como "a dança do amor idílico", a "dança do siriá" apresenta os dançarinos com trajes enfeitados, bastante coloridos. As mulheres usam belas blusas de renda branca, saias bem rodadas e amplas, pulseiras e colares de contas e sementes, além de enfeites floridos na cabeça. Já os homens, também descalços como as mulheres, vestem calças escuras e camisas coloridas com as pontas das fraldas amarradas na frente. Eles usam ainda um pequeno chapéu de palha enfeitado com flores que as damas retiram, em certos momentos, para demonstrar alegria, fazendo volteios. Observa-se, na movimentação coreográfica, os detalhes próprios das três raças que deram origem ao povo paraense: o ritmo, como variante do batuque africano; a expressão corporal recurvada em certos momentos, característica das danças indígenas; e o movimento dos braços para cima, como acontece na maioria das danças folclóricas portuguesas. (<http://www.cdpara.pa.gov.br/siria.php>, acesso em: 22-02-2016 16:53).

¹⁷Artista autodidata Joaquim Dias de Castro, o mestre Cupijó, estudou música com o pai, Vicente Castro, o popular Mestre Sicudera, e integra uma família cametaense voltada para a cultura (Cupijó é irmão do professor universitário e escritor José Carlos Castro). O músico é responsável pelo lançamento comercial do siriá e banguê, manifestações musicais do folclore do Tocantins, na década de 70, e também pela revitalização do mambo e do merengue, que acabaram desembocando na lambada. (Carnaval de Cametá: visões do carnaval, 2006 – Anexo 45).

carnavalescas que as Grandes Sociedades surgem, especificamente, no estado do Rio de Janeiro moldadas, elaboradas e conduzidas por uma elite letrada do período¹⁸.

“A Banda Sociedade Euterpe Cametaense” é um marco na história da cultura musical do interior paraense, a qual, começou a ser contada em Cametá, oficializada em estatuto, data de 19 de julho de 1874. Registros históricos dão conta que ela chegou a tocar em praça pública, na festa comemorativa à “Abolição da Escravatura”, pois entre seus componentes, existiam músicos de cor negra, que eram integrados ao grupo porque gozavam dos “benefícios” permitido pela “Lei dos Sexagenários (1885)”. Consta como seu fundador e primeiro regente, o Tenente (da guarda nacional) José Francisco Siqueira Mendes, que recebeu de oferta do intendente de Cametá Heitor Mendonça, que mandou vir da França, os primeiros instrumentos utilizados pela Banda, que chegou no mesmo navio que trouxera junto, os dois Coretos existentes na Praça dos Notáveis, em frente à igreja de São João Batista¹⁹. E, entre as Grandes Sociedades incluem-se as de musicalidade como a Euterpe Cametaense que segundo Cunha:

Em plena comemoração pelo suposto fim de tais brincadeiras, mas, sobretudo, sob novas formas de manifestações carnavalescas que num primeiro momento irão se apoiar nas formas de brincar o Carnaval nas Grandes Sociedades Carnavalescas que surgem na segunda metade do XIX e se esvaem por volta da década de 90 e início do século XX e que ganham notoriedade e um caráter popular por agregar pessoas comuns da sociedade que são denominados os cordões de Carnaval. As brincadeiras de Carnaval tão pouco seguiam as regras dos ideais da elite imperial no Rio de Janeiro já em meados do século XIX que propunha o fim de práticas como o “velho entrudo” como as troças, os cuncumbis, os zé-pereiras, a guerra de cartolas, os mascarados que eram vistos como incivilizados, onde buscavam a permanência de um “Carnaval civilizado” nos moldes europeus de Nice, Veneza e Paris²⁰.

Mas ao contrário, criaram mecanismos de sobrevivência ao longo do tempo, adquirindo novos significados e meios de divertimento mesmo que efêmero nos dias de folia. O Carnaval dos Ribeirinhos é, pois, um reflexo da permanência de práticas carnavalescas de brincadeiras desse “velho entrudo” com os zé-pereiras, cucumbis e mascarados e suas sátiras que se perpetram e se reinventam ao longo dos séculos. E que de modo particular se configura a cultura local de um dos municípios que mais se destacam quando o assunto é Carnaval: Cametá. Logo, essas velhas práticas de brincar o Carnaval com as sátiras se perpetuam no leito do Rio Tocantins até os dias atuais.

¹⁸CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920 – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

¹⁹Carnaval de Cametá: visões do carnaval, 2006 – Anexo 45.

²⁰CUNHA, Op. Cit.

Assim, é necessário enfatizar que a esfera do Carnaval perpassa e é muito mais abrangente que as hierarquizações sociais e o ambiente das ruelas das cidades, e que, como uma manifestação popular que é na sua essência, fora ressignificada e adaptada à realidade dos moradores dos rios de Cametá, como também fora pelas camadas pobres do Rio de Janeiro do fim do século XIX pelos negros, brancos pobres e demais pessoas classificadas como inferiores dentro dos padrões da época com as brincadeiras do entrudo nos três dias de folia²¹. A evidência aqui é para a forma de brincar o Carnaval encontrada pelos setores sociais menos favorecidos. Cujo paralelo é feito com o Carnaval dos Ribeirinhos. Engendrado na sua essência o divertimento e o riso com as sátiras nas suas apresentações, chegando a fazer parte nos dias atuais da abertura oficial do Carnaval e da cultura cametaense.

O Carnaval secular dos ribeirinhos passa a ser chamado oficialmente de Carnaval das Águas pela SECULT (Secretaria de Cultura de Cametá) em 2010.

[...] “Nós que criamos o carnaval das águas! Antes apresentávamos os blocos em arenas do arraial de S. João e outros eventos, até criamos o famoso carnaval das águas e colocamos como o desfile oficial da abertura do carnaval de Cametá!” [...] [...] “Na verdade como eu disse, os blocos já existiam há muito tempo, alguns com mais de cem anos de fundação, então em 2010 nós enquanto Secretaria de Cultura com parceria da Mere Barra, demos início ao carnaval das águas com desfile dos blocos em frente à Cidade e posteriormente com a apresentação na praça do INSA e em seguida o desfile na av. do samba e assim dando início oficialmente ao carnaval.” [...]²²

Uma tradição que ganha notoriedade e reconhecimento oficial através da SECULT só em pleno século XXI após quase dois séculos de existência no município. Demonstrando assim todo o seu potencial de bravura e resistência ao longo desses anos de quase isolamento no que diz respeito suas expressividades nas ruas e nos rios do município que o adotou. Isolamento porque estava restrito até então a uma parcela ribeirinha da população do município.

O projeto de inserção e reconhecimento pode estar articulado e ligado a dois fatores: o primeiro ao fato da cidade de Cametá estar diretamente vinculada ao festejo do Carnaval, logo, existe uma demanda turística considerável nesses dias, e o atrativo do Carnaval das Águas surge como algo “novo” nesse cenário. Segundo, atrelado ao apreço das partes pela festa. Evidentemente o momento remete a uma gestão municipal que há alguns anos no poder inseriu através do diretor de cultura do município o Carnaval das Águas ao ambiente do Carnaval da cidade.

²¹CUNHA, Op. Cit.

²²Afonso Nogueira, ex diretor de cultura de Cametá de 2005 a 2012, 55 anos, 10/02/2016, Cametá (Pa).

Ver o barco chegar com os dançantes pulando ao som das marchinhas na batida do tambor, é como ver o padroeiro chegar após o círio fluvial, já que nessas comunidades o círio tem que ser fluvial. Não que o sagrado esteja posto em detrimento do profano, mas, vinculado a uma tradição popular, o Carnaval, tem o poder de despertar os mais diversos sentimentos em quem o aprecia. Isto é, a festa (Carnaval/folia) que é o alvo da comparação e não a religiosidade.

“Se por um lado a “representação” faz às vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença”,²³ é, pois, sob essa dualidade da representação que o Carnaval das Águas se manifesta ao passar dos anos fazendo dos anseios da realidade visível do local, as ausências de um bem-estar social expressados nas comédias em tempos de folia. Assim, as comédias são meios de representar um incômodo da localidade.

Se por um lado o Carnaval representa dentro do que era a população francesa no século XVIII uma ordem na desordem social, torna-se uma válvula de escape para tais problemas invertendo-se as ordens²⁴, por outro, coloca as práticas populares no Brasil, também, como uma inversão da ordem, quando da atuação de indivíduos como os negros, que usavam dos disfarces das fantasias para ironizar seus senhores que utilizando sob algumas particularidades essa eventualidade dos dias de Momo como fuga das mazelas sociais²⁵. Mas, sobretudo, serve para explicitar uma realidade latente de desigualdades vivenciadas pelo século XIX, principalmente, no que tange o período que antecede 1888.

Logo, o Carnaval das Águas está dentro dessas perspectivas de se opor com suas irreverentes comédias as insatisfações e/ou descontentamentos sociais do seu tempo e para seu tempo nas rimas faladas e/ou cantadas pelos personagens nas rodas dos cordões que são característicos de práticas do entrudo, uma herança colonial que afirma ser sob as caravelas dos colonizadores que as festas carnavalescas chegaram ao Brasil e nas terras sul-americanas, além de um forte traço da cultura africana muito embora não se reconheça isso²⁶. O entrudo, portanto, como uma representação do Carnaval que surge em Portugal e, que se reinventou no Brasil desde os mais distintos folguedos e que caracterizará as três fases da folia no país com o Entrudo, Grande Carnaval e o Carnaval Popular²⁷, do qual faz parte o Carnaval das Águas. É

²³GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: Nove reflexões sobre a distância/Carlo Ginzburg; Tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 85.

²⁴DAVIS, Natalie Zemon. Culturas do Povo: Sociedade e culturas no início da França moderna: oito ensaios/Natalie Zemon Davis – Tradução de Mariza Correa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

²⁵CUNHA, Op. Cit.

²⁶QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: o vivido e o mito/Maria Isaura Pereira de Queiroz – São Paulo: Brasiliense, 1999.

²⁷CUNHA, Op. Cit.

difícil definir o “povo” que caracteriza esse popular por razões que envolvem ser esse povo, todos ou apenas os que não pertencem a elite.²⁸ Aqui o povo como representando a camada comum da recém-formada sociedade republicana quando a busca pela identidade nacional. Mas também como envolvendo as mais variadas classes no festejo do Carnaval.

O Carnaval em terras coloniais estava diretamente relacionado ao que se denominava entrudo, que perdurou até final do século XIX, aproximadamente. Deu-se início, portanto, ao Carnaval nos moldes venezianos com as Grandes Sociedades. Seguido do Carnaval popular caracterizado pelas práticas que comportavam o gosto da maioria da sociedade republicana.

1.2- Dos expressivos músicos cametaenses aos cordões de mascarados ribeirinhos

Muitas são as expressões que se acomodam diante do Carnaval com as mais variadas facetas e gostos.

No Brasil, os cordões surgem especificamente no Rio de Janeiro na segunda metade do XIX como manifestações espontâneas e sobre os padrões das Grandes Sociedades Carnavalescas e também com traços do “velho entrudo” e multiplicam-se no início da República mesmo sob o olhar depreciativo da imprensa carioca até as primeiras décadas do século XX em atribuir-lhes características como desordeiros e representados por negros, moradores de cortiços, capoeiras e quaisquer outros indivíduos que compunham a classe pobre da sociedade imperial e republicana²⁹.

Os cordões surgem no cenário das ruelas, mas isso não é regra geral, uma vez que os cordões de mascarados ribeirinhos estão inseridos em proporções mais abrangentes no que diz respeito a sua origem. Estão ligados ao cenário dos rios, da floresta, da natureza. O Carnaval das Águas está inserido na diversidade cultural da Região Norte e ainda é algo específico do município de Cametá.

Pautado em um Carnaval ancestral, com mais de um século de tradição, faz parte da cultura popular e das mais distintas manifestações e expressões carnavalescas que vai desde o siriá, do samba de cacete, da serenata, dos zé-pereira as marchinhas que embalam os ranchos e embalam os blocos nas cidades, os fofos e os cordões de mascarados hoje representado pelo

²⁸BURKE, Peter. O que é História cultural? / Peter Burke; tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2005.

²⁹Idem.

Carnaval das Águas. Podendo de modo restrito pertencer também ao folclore enquanto parte integrante da memória dos moradores dos rios.

Tendo sua origem nas toçadas de serenata, que evocavam a cantoria de poemas rimados e do siriá, que fora reinventado por “Mestre Cupijó” com o samba de cacete, uma das primeiras manifestações carnavalescas da cidade de Cametá com a centenária “Banda Sociedade Euterpe Cametaense”, onde seu pai o “Mestre Sucudera” ou Vicente Serrão de Castro Filho fora um dos integrantes atuando como maestro e regente, além de um dos maiores musicistas da banda e do município.

O mapa abaixo, além de ilustrar o percurso ao qual se dá esse cortejo carnavalesco, é possível compreendê-lo a partir de um cenário de manifestações que se estabelecem entre os municípios de Cametá a Mocajuba no Baixo Tocantins. Rios como Tentém, Pacovatuba, Turema, Santana, Viseu, Jacarecaia e São Joaquim que se cruzam pelas suas expressões e mesmo distantes geograficamente dentro de suas localidades, com particularidades e identidades próprias, carregam consigo o ponto comum que é a diversão, o riso através do Carnaval e de suas comédias.

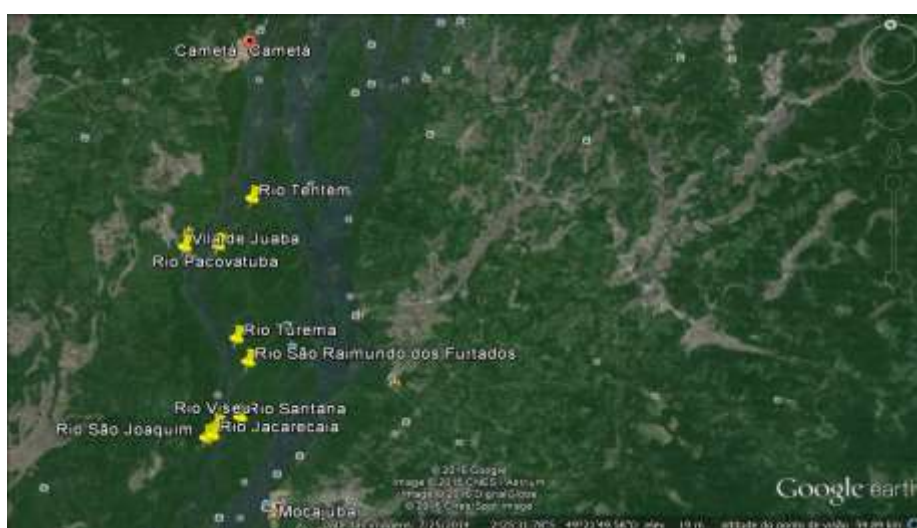


Figura 2: Mapa via satélite das extremidades entre os municípios de Cametá e Mocajuba. (Disponível em: Google Earth – Edição: Elizane Miranda).

Tendo a identidade cultural perpetrada nos mais variados ritmos ganha vida nos rios São Joaquim, Jacarecaia e Viseu além de expressividade nos rios cametaenses, mais precisamente nos Rios Santana, Pacovatuba, Tentém, Turema entre tantos outros que inventaram e reinventaram a tradição dos tradicionais cordões de mascarados e das serenatas, a fim de permanecer viva a cultura do Carnaval ribeirinho, que em 2010 ganha o nome oficial de

“Carnaval das Águas” e se torna o destaque na abertura oficial do Carnaval do município no governo do então prefeito Valdoli Valente e cujo diretor da SECULTD era o Sr. Afonso Nogueira e como secretário o Sr. Dmitryus Braga que possibilitaram através de seu apreço e, também, por questões políticas pela manifestação cultural e carnavalesca a inserção e reconhecimento dessa tradição em um novo cenário, o das ruas com o grande público.

É, pois com nomes considerados da música cametaense que fora um celeiro de artistas e ainda preserva na sua memória a tradição de nomes como: João Leite, Benedito Sátiro de Mello Filho o “Satirinho”, Maria de Nazaré Melo que herdaram do pai Benedito Sátiro de Melo (Sénior) o dom da musicalidade através das composições que ambos realizaram e que se propagaram nos pequenos grupos musicais, que surgiram nas mais variadas ilhas do município com as cantigas das serenatas que embalavam as noites ribeirinhas com suas composições de amor e sátira sobre a realidade da época no final do século XIX, mais precisamente pelos anos de 1894 com “os linguarudos” datados em documentação.

Todavia, adaptou-se aos festejos carnavalescos as comédias e o caráter teatral das apresentações, mas, mantendo sua essência através das comédias de crítica que são uma das características dos cordões a crítica social ou política³⁰ seja de cunho pessoal e/ou as romanceadas. E que sob a fala do Sr. Evandro ressalta nomes expressivos dessa tradição carnavalesca.

[...] “Olha, naquela época tinha maestro de música [...] que vinha o maestro lá da Vila do Carmo [...] Dessa época passada não, cada um ano era a maestro, a Nazaré Melo que vinha insaiá, uma senhora muito forte, mas ela tinha esse, esse gabarito e tinha muita muita vontade, muita garra sabe e aí ela vinha educar a gente sobre o carnava, fantasia.” [...] ³¹

Tem-se aí uma das mais expressivas manifestações populares e carnavalescas do município de Cameté que há mais de 122 anos mantém viva a tradição dos cordões de mascarados na figura de um dos grupos mais antigos do município “Os Linguarudos” do Rio Santana, nome que substitui “Os Faladores” que foi o primeiro cordão formado com essas características no Rio São Joaquim por Nazaré Melo segundo narra o Sr. Evandro e que se reafirma na fala do Sr. Benedito Medeiros Dias mais conhecido por “Neco Dias”, antigo morador santanense e um dos atuais responsáveis pelo cordão “Os Linguarudos”, mas que não possui registro escrito. No entanto, está vivo na memória dos moradores dessas localidades.

[...] “Eles começaram em serenata, era um pandero, era um page, era um reque, começaram essa brincadeira tomando caipirinha, não. Aí tinha uma mulher por

³⁰Idem.

³¹Evandro Pires Ferreira de Carvalho, 73 anos, 05/11/2015, “Os Faladores”, Rio Jacarecaia - Mocajuba (Pa).

nome Nazaré Mello faladera pra danado. Eles pegaru, inventaru de serenata pra fazer um bloquinho. Aí colocaru nome de “bloco falador”. Esse falador era o nome do bloco é Choquiando ela, sabe? Aí depois com o dobrar do tempo é, eles tiraru o nome de “falador” pra “linguarudo” [...] ³²

Nas extremidades do município de Mocajuba iniciam-se as primeiras manifestações carnavalescas que se perpetrará no município de Cameté. O nome do cordão é sugestivo, causando uma fértil imaginação em seu significado, além do caráter crítico que ele carrega. “Os Faladores” é, portanto, o primeiro cordão de mascarados criado na localidade do Rio São Joaquim pertencente ao município de Mocajuba, mas que tempos depois ganha o mesmo nome no Rio Santana e que como demonstra seu Neco Dias surgiu a partir da figura de uma mulher que falava em demasia, que está atrelado de certo modo à crítica feita através das comédias, e que posteriormente será chamado de “Os Linguarudos”.

Com décadas e décadas de existência, não mais nem menos importante que os demais cordões, mantém viva a tradição de seus antepassados através da memória de quem os preserva como o Sr. Florivaldo ou “Valdinho” e o Sr. João Nival ou “Pila” como são conhecidos:

[...] “Quando foi criado eu num sei a data assim. Faz muito anos né, quem criô eles já são falecido, Nazaré Melo e Satirinho. Eu brinquei in outros, in outros blocos, mas nesse um fui eu que... ele tava parado, aí depois, não me alembro quanto tempo, que eu iniciei fui nessa data aí.” [...] “in 85, 1985” [...] [...] “sim, no histórico os faladores é mais velho que o linguarudo, só que eles num tem o documento pra provar né. Mais o mais velho é os faladores. De lá dos faladores que tivero uma briga. [...] Aí tivero uma briga, uma butu, ficu nus faladores e a outra butu liguarudo.” [...] ³³

Ao lado do São Joaquim e Jacarecaia encontra-se o Rio Viseu que hospeda mais um cordão o “Bola Preta”, este sem documentação escrita também, mas vivo na memória de seus brincantes.

[...] “Quando fui criado num sei a data assim. Faz muitos anos, né. Quem criô eles já são falecido Nazaré Melo e Satirinho. O Linguarudo tem 116 anos. Ele é mais velho um pouco que O Linguarudo, de tem uns 118 anos eu acho.” [...] ³⁴

Descendo o rio sentido à Cameté está à localidade de Santana, que faz divisa com o município de Mocajuba e que é berço de um dos mais expressivos cordões em atividade, “Os Linguarudos”, que tem engendrado na sua fundação a crítica, faz valer a mais de um século com suas comédias que desde seu fundador Sátiro de Mello o “Satirinho” passando por Maneco Leão até Neco Dias, Raimundo Zacarias mais conhecido por “Tio Zaca”, Benedito Maia e

³²Neco Dias, 70 anos, 03/11/2015, “Os Linguarudos”, Rio Santana – Cameté (Pa).

³³João Nival Lopes Mendonça, 45 anos, 04/11/2015, “Os Linguarudos”, Rio Jacarecaia – Mocajuba (Pa).

³⁴Florivaldo Oliveira Neves, 47 anos, 05/11/2015, “Os Faladores”, Rio São Joaquim – Mocajuba (Pa).

Mereces Alves dão voz aos anseios da população quanto às mazelas sociais e ao descaso de modo geral no que diz respeito à saúde, educação, lazer etc.

Mais abaixo tem “Os Piratas” no Rio Turema, “O rei da Brincadeira” no Rio Pacovatuba e por fim outro cordão de grande tradição que é o “Última Hora” no Rio Tentém que, desde 1934 surgiu como uma brincadeira improvisada que apresenta com suas comédias o lado romanceado dos cordões de mascarados, isso não significa dizer que eles não escrevam comédias de crítica. De Cornélia Ranieri aos comandos de “Vital II” o Sr. Eulálio Tenório do Santos e o “Engole Cobra”, “Mestre Vital I” o Alchimides Vital Batista. [...] “Eu ainda era menino, tinha medo de careta, quando conheci um cordão de mascarado chamado (Última hora) em Tentém, e também ouvia falar de outros dois cordões: (Pirata) de Turema e (Linguarudo) de Santana” [...] ³⁵

Dentro desse entrelaçado de grupos e/ou cordões, na Vila de Juaba está presente o “Cordão da Bicharada” que na figura do “Mestre Zenóbio” se faz vivo desde 1976. É dada a importância dos cordões para a formação da cultura cametaense, mas não cabe aqui hierarquizá-los a fim de demonstrar se há o melhor ou o pior Carnaval, mas caracterizá-los para expressar a diversidade dos carnavais e a particularidade de cada grupo que constitui o Carnaval das Águas, que está refletido na composição de suas comédias com diferentes personalidades e intencionalidades. Além de perceber o seu conteúdo e teor crítico através das rimas.

Com as suas irreverências, pedem licença e se fazem companheiros não só nos dias gordos do Carnaval, mas no mês todo de fevereiro, se assim for, aos distintos moradores das ilhas cametaenses e mocajubenses, trazendo não só animação, mas a possibilidade e o privilégio de inserção na festa que se tornou referência para a sociedade brasileira como um todo.

Sendo uma festa popular, o Carnaval, envolve várias classes sociais, entre elas desde a elite imperial ao Carnaval “moderno” do século XX, e que em momentos específicos sofreram censura por representarem perigo às autoridades republicanas³⁶ e que no rio Santana será vivenciado pelos Linguarudos na década de 70. Logo, entre ricos e pobres, entre ruas e rios, entre rimas e trovas o Carnaval das Águas se mantém dentro dessas distintas formas de comemorar o Carnaval no Brasil.

De geração em geração o Carnaval foi ganhando novas roupagens. De folguedos portugueses com as brincadeiras do entrudo ao Carnaval nos dias de momo, de festa religiosa a manifestações pagãs, a folia se mantém. Assim,

³⁵VITAL I, *Aphud* 2008, p. 03.

³⁶DAMATTA, Op. Cit.

O antigo carnaval português com o entrudo e seus mais variados folguedos eram restritos a pequenas aldeias e burgos nas residências em datas esparsas e que a partir do século XVIII começou a sofrer modificações alcançando o espaço das grandes cidades e das ruelas com distinções socioeconômicas.³⁷

Essas modificações de certo são perceptíveis no decurso dos anos desde o século XVI. No entanto, na antiga colônia os dias de folia tomaram grandes proporções desde sua chegada a todas as camadas sociais com certas particularidades. A reinvenção das brincadeiras nos dias de folia se deu paulatinamente para suprir as demandas sociais e econômicas do período, que foi sendo adaptado às necessidades e anseios da população, mas sem perder a sua essência nas práticas do “velho entrudo”³⁸. E, é, pois, sobre essa essência que se transfigura a cada ano nas apresentações exuberantes desses homens e mulheres; lavradores, pescadores, donas de casa e estudantes, mas, sobretudo, de ribeirinhos incansáveis na manutenção e no zelo de sua identidade cultural expressada na perpetuação da festa do Carnaval das Águas a fim de não ter o desprazer de ver essa belíssima tradição se esvaír no tempo. Entretanto, ele pode representar para outros como apenas um divertimento.

Esse é o anseio do Sr. João Moraes atual responsável pelo cordão “Rei da Brincadeira”:

[...] “eu fico muito preocupado que acabe né, porque se num sair a verba. Sempre nós brincamu aqui, mais no rio, só social aqui, oferecendo partida, aí essa partida que nós oferecemo nós vamu pagando o músico, aí quando num tem a verba pra pagar nas casa nós se incolhe” [...]³⁹

Vencido os percalços do tempo, há outro problema iminente a realidade dos cordões que é a manutenção desses grupos com os patrocínios. Uma das características que identificam, especificamente, o Carnaval das Águas que recebem ajuda anual e que variam, aproximadamente, entre 2 mil reais e chegando a 5 mil da prefeitura do município de Cameté e com algumas particularidades do município de Mocajuba, ou até de particulares que se propõem a ajudá-los.

Em suas apresentações pelos rios e cidades cobram um valor que varia de 60 a 150 reais para custeio da despesa como: transporte (aluguel de barco), alimentação, óleo diesel, etc. e ao final dos dias de folia promovem a “festa de encerração” nos barracões que geralmente são também alugados. Mas e quando essa ajuda não suprir as demandas e necessidades desses grupos? É preciso então unir forças e “tocar o barco”.

³⁷CUNHA, Op. Cit.

³⁸Idem.

³⁹João Moraes, 66 anos, 10/11/2015, “Rei da Brincadeira”, Rio Pacovatuba – Cameté (Pa).

Há uma reafirmação do esforço coletivo dos cordões a financiarem suas despesas⁴⁰. Vencem as dificuldades financeiras e ultrapassam as desigualdades sociais mostrando a cada ano a garra estampada nas ações e nas atitudes de cada organizador e seus distintos dançantes que na sua totalidade sequer recebem qualquer remuneração por tanta responsabilidade a eles atribuída nesse festejo, mas através de sua vicissitude esbanjam alegria e talento nas suas apresentações.

Há, sobreposto, diante dos percalços, da estruturação e manutenção desses grupos carnavalescos o anseio de manter viva na memória das novas gerações as lembranças do esforço, dedicação, empenho, doação e amor dado a esse ato de festejar o Carnaval todos os anos a fim de não se perderem no tempo, mas de alçarem voos altos em busca do reconhecimento de muita dedicação e entrega sem fins lucrativos a essas manifestações culturais de homens incansáveis e apaixonados pela cultura do Carnaval, muito embora essa preocupação pela permanência da cultura não seja de todos os brincantes.

[...] “porque eu aqui, por exemplo, é que eu gosto, tem vez que trago até dinheiro da gente né, num deixa de num sair um ano né. Eu aqui, o minino alí dois e o minino aqui lá do Santo, meu irmão lá in baixo três que mais investi no carnaval né. Pra mim é tudo né, eu digo primero lugar Deus. Pra mim o carnaval é cultura né, é a cultura né, num existe porque quando eu me intindi eu brincava o carnaval, era o home se vestindo de mulher, agora não, num tem mais, num quiere mais.” [...] “Nós vamu cum garra, cum sacrificio, mas nós vamu lá, vamu lá.” [...] ⁴¹

A partir da fala do Sr. João Morais é possível perceber a preocupação que há pela perpetuação da cultura dos cordões de mascarados, que vem desde as cantigas de serenata, até o reconhecimento do Carnaval como parte integrante da cultura do ribeirão cametaense e como parte da identidade do lugar como apontado no início deste capítulo. Portanto, a tradição do Carnaval em Cameté se funde no reconhecimento desses grupos como parte da sua cultura local.

1.3- Da essência às diferenças: as particularidades dos cordões

Que há uma finalidade, um interesse e certa cumplicidade entre os cordões isso há, mas, é preciso compreendê-los dentro de suas particularidades e realidades que se restringem a cada

⁴⁰CUNHA, Op. Cit.

⁴¹João Moraes, 66 anos, 10/11/2015, “Rei da Brincadeira”, Rio Pacovatuba – Cameté (Pa).

um de maneira diferente. Essas especificidades se refletem nos cordões de mascarados ribeirinhos através das fantasias, das máscaras, da composição das comédias e assim por diante. Logo, em sua maneira de organizar o Carnaval.

Aqui será dada ênfase aos cordões como: “Os Faladores”, “Os Linguarudos”, “Rei da Brincadeira”, “Os Piratas”, “Última Hora”, “Bola Preta” dos quais houve o contato direto com seus coordenadores e/ou responsáveis e brincantes no que diz respeito às entrevistas. Exceto “A Bicharada” que fora através de documentos como revistas, jornais e a memória dos entrevistados que inevitavelmente os referenciavam.

Embora em uma mesma região (o baixo Tocantins), possuem suas identidades particulares e locais como indivíduos que vivem e se relacionam com seus grupos movidos por interesses coletivos e/ou individuais. É, pois, nesse cenário que se transmitem nos dias gordos e com algumas particularidades em dias que não são os de folia, os anseios e a criatividade desses moradores dos rios e que se reafirmam nesses dias, visto que há todo um processo pelo qual se dão os preparativos, como ensaios, confecção das fantasias, composição das comédias que começam quando o Carnaval termina. Muito embora sejam os acontecimentos anuais os temas preferidos para as comédias do próximo Carnaval.

Dentre os cordões de Carnaval “A Bicharada” é um diferencial quanto aos seus dançantes que são entre alguns personagens como o primeiro palhaço, pessoas vestidas de animais. Essa característica de se vestir de animal estava presente na Europa Moderna com personagens vestidos de animais selvagens como os ursos a fim de representar o seu entorno⁴², nesse caso a fauna amazônica com suas irreverentes fantasias confeccionada pelo “Mestre Zenóbio” a fim de apresentar a necessidade da preservação da flora e fauna da região.

“Estamos falando de um senhor de 65 anos de idade, que atualmente mora em Belém, mas tem uma forte ligação com a Vila de Juaba, em Cameté, na beira do rio Tocantins. Foi por lá que 40 anos atrás nascia o “cordão da Bicharada”, criado por ele, inspirado nos cordões de mascarados. Os brincantes saem pelas ruas fantasiados de animais como a coruja, o galo, o tucano, as araras azul e vermelha, as borboletas, o leão, o tigre, o macaco, o coelho, a onça e vários outros, que levam a mensagem da importância de cuidar bem da natureza.” (Diário do Pará, Belém, 21-06-2015).

Os apontamentos feitos são pertinentes no que diz respeito à organização e a estrutura física desse cordão que embora esteja dentro do âmbito cidadão teve sua origem não só na influência dos cordões de mascarados, mas na inspiração do Sr. Raimundo Ferreira ou “Mestre Mimico” como era conhecido o antigo morador do Rio São Raimundo dos Furtados e

⁴²BURKE, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

compositor das comédias cantadas para o cordão e que deixa como herança a um de seus filhos o “Mestre Zenóbio” o amor pela valoração e perpetração da cultura cametaense na fundação do “cordão da bicharada”.



Figura 3: Apresentação do “Cordão da Bicharada” no barracão Nossa Senhora das Graças no Rio São Raimundo dos Furtados. (Foto: Elizane Miranda/julho de 2009).



Figura 4: “Cordão da Bicharada” na abertura do Carnaval na Praça das Mercês em Cameté. (Foto: Afonso Nogueira – ex diretor da cultura/2014).

Sua relevância é tão expressiva que ele faz parte das manifestações carnavalescas do Carnaval das Águas junto com tantos outros cordões do município, alcançando desde os rios à cidade, principalmente, no mês do Carnaval, tendo o agrado e o prestígio das pessoas. Visto que suas apresentações são solicitadas pelos mais diferentes interessados em ver as maravilhas da “Bicharada” em épocas remotas que ultrapassam o mês de fevereiro. Mas que é observado por outros olhares que embora vivenciem a mesma realidade nos dias de folia compreendem suas diferenças.

[...] “Olha, há diferença muito grande porque o seguinte, a bicharada é um carnaval de bicho né, sê sabe que o bicharada é um carnaval que é o seguinte só apresenta bicho né, só tem um ô dois palhaço. ” [...] “Tem dois palhaço. A bicharada é apresentado cumo eu e tu falando. Com os bicho é a borboleta, é gavião, é urubu e num sei quê e num sei quê, papagaio é tudo né. ” [...] ⁴³

Essa especificidade em apresentar a fauna com humor e na esfera da folia do Carnaval pelos rios cametaenses, satirizar com suas comédias a realidade social é uma das características que o aproxima dos demais cordões de Carnaval. Cujas finalidades são, sobretudo, mover-se em prol da permanência da cultura local, alegrar a comunidade por onde passam e deixar na memória lembranças de uma expressão cultural que se misturando ao saber do povo passa a caracterizar-se como parte integrante da identidade local.

Entre os cordões de mascarados é possível perceber não só nas fantasias, nas máscaras, mas sobretudo, nas comédias a particularidade de cada um. Através da qual, a beleza, a simpatia, o riso e o humor convergem a aproximá-los. Suas particularidades de certo modo estão relacionadas aos seus saberes e identidades, uma vez que ela é fruto da vivência e das experiências, sejam elas coletivas ou individuais. Mas que corroboram para uma finalidade que é celebrar o Carnaval e se divertir já que é uma tradição.

[...] “porque nós “O Linguarudo” o seguinte, ele num é, ele num é assim de ele é comédia mesmo, ele num é poesia. É, eu assisti o ano passado, este ano também ainda não terminou, pessoal lá de baixo do Rei da Brincadeira parece que nós temu conversando aqui, num tem assunto assim. O nosso é diferente [...] é tudo rimado, se num tiver a rima eles fazem. A torcida fala logo “papagaio real de Portugal” (risos) ” [...] ⁴⁴.

É interessante perceber a relação entre o homem e a natureza, logo, entre cultura e natureza como fruto de uma relação que perpassa através dos rios, dos saberes adquiridos das experiências de vida de cada brincante desses cordões que transvestidos nos dias de folia sob

⁴³João Moraes, 66 anos, 10/11/2015, “Rei da Brincadeira”, Rio Pacovatuba – Cametá (Pa).

⁴⁴Neco Dias, 70 anos, 03/11/2015, “Os Linguarudos”, Rio Santana – Cametá (Pa).

suas fantasias e formas divertidas de celebrar o Carnaval perpetuam a cultura de um determinado lugar.

Entre diferenças e semelhanças o Carnaval se mantém como uma herança dos antepassados, uma tradição que perpassa gerações. Entre expressões e manifestações tão próximas e ao mesmo tempo tão distintas é que se reverberam os cordões de Carnaval na folia das águas, quer seja pelos mascarados ou pelas “bicharadas”, que se aproximam, sobretudo, na taxa cobrada pelas apresentações que variam de cada cordão os valores entre R\$50,00 (Cinquenta reais) a R\$200,00 (Duzentos reais) ou mais.

Com brilho, garra e muita vontade de vencer e superar os desafios socioeconômicos em detrimento da permanência da cultura local em tempos de Carnaval é que esses cordões se fundem. Os Carnavais não são todos iguais, pois não podem ser idênticos uns aos outros⁴⁵, mas são todos provenientes de uma mesma essência que é a alegria, a diversão e a vontade de se ter a liberdade, nesse caso de expressar seus descontentamentos e/ou sentimentos de agradecimento, romantismo e/ou indignação e, por conseguinte, a inversão da ordem.

Portanto, cada cordão, possui suas particularidades através de sua arte, quer sejam nas fantasias, nas máscaras, nas comédias ou na forma de dançar. “A Bicharada”: mais voltado para um aspecto ecológico; “Os Linguarudos” como o Carnaval da crítica; O “Última Hora” e “Rei da Brincadeira” como cordões mais poéticos, sem deixar de lado vez ou outras comédias voltadas para questões sociais, assim como seus famosos personagens “cabeçudos”; “Os Piratas”, “Bola Preta” e “Faladores” enquadrados no ambiente do colorido das fantasias e na mistura de comédias amorosas e de crítica.

1.4- Símbolos e representatividades do Carnaval das Águas: as fantasias, as máscaras e as comédias

As cores berrantes e fantasias caprichosas são características dos cordões no Rio de Janeiro⁴⁶, principalmente. De personagens animais às vestimentas exuberantes no colorido, às máscaras feitas de cuia ao papelão no molde do barro até a reutilização através da reciclagem de garrafas de plástico para sua produção. Com as mais variadas formas, com

⁴⁵CUNHA, Op. Cit.

⁴⁶QUEIROZ, Op. Cit.

distintas feições que chegam a impressionar, mas também a assustar de tão diferente, possuem seu caráter simbólico de esconder a identidade do brincante na hora de falar sua comédia na roda do cordão a exemplo de um folguedo do entrudo, os dominós, que eram pessoas vestidas com camisolas de cetim e que cobriam o rosto para não serem identificados pelas pessoas. Visto que poderiam sofrer represálias se identificados.



Figura 5: Brincante (Primeiro e segundo palhaço) do cordão “Os Faladores” na abertura do Carnaval das Águas na praça das Mercês em Cameté. (Foto: Afonso Nogueira – ex diretor da cultura/2014).

Mesmo tendo sido suprimido e extinto no século XX, o entrudo, serviu como um dos instrumentos para as novas formas de brincar o Carnaval, cujo elemento como o uso de máscaras, fantasias (as fantasias dos cordões tal qual dos dominós são feitas de cetim) e sátiras de humor e crítica se fazem vivos em pleno século XXI⁴⁷. Entretanto, há entre os cordões diferenças nas composições das comédias, desde as de crítica à realidade local, ao romance nas entrelinhas; às fantasias coloridas às máscaras, muitas delas com um formato enorme:

[...] “É só dois cordão que tem aqui, é o “Rei da Brincadeira” que tem um e o nosso tem oito. É coisa assim que sei lá, a gente acha que fica mais bonito né, chamar

⁴⁷QUEIROZ, Op. Cit.

mais atenção né, isso aí é feito de paneiro⁴⁸, qualquer um pode dançar com ele né. ”
[...]⁴⁹

Ainda que não seja possível explicar o significado de algumas indumentárias como o porquê de usar uma máscara com a cabeça tão grande e associar que alguns personagens das brincadeiras de Carnaval lá no século XIX já usavam essas enormes cabeças como adereços para os dias de folia, assim como os Antigos Gregos nas suas mascaradas por volta do século IV e V a.c.

“Por exemplo, fazer a experiência da alteridade: ser outro por algum tempo para ver mais a si mesmo. Em Esparta o ritual de passagem para a vida adulta compreende-se a uma mascarada: usam-se máscaras de sátiros, de velhas desdentadas, de faces disformes e monstruosas; pratica-se o cômico, o gracejo atrevido, o escárnio, para ter a experiência do que, de agora em diante, deve ser evitado, rejeitando essas caricaturas pelo riso. ”⁵⁰

Ainda assim é possível compreender que as explicações são irrelevantes, pois a representatividade está na manifestação que a folia propicia a esses moradores ribeirinhos em tempos de Carnaval, não cabe a eles esse papel explicativo, mas de propagadores e mantenedores da cultura através da tradição local a fim de manterem vivos na memória e nas lembranças dos brincantes e como parte integrante de sua cultura imaterial.



Figura 6: Máscaras feitas de paneiro do cordão “Última Hora” no Rio Téntem. Estão guardadas na residência do Sr. Eulálio Tenório. (Foto: Elizane Miranda/novembro de 2015).

⁴⁸Paneiro é uma espécie de vasilha ou um cesto que serve para transportar frutos e peixes no dia a dia dos ribeirinhos. Sua produção é através da tala de algumas palmeiras, por exemplo, o miritizeiro.

⁴⁹Eulálio Tenório, 54 anos, 10/11/2015, “Última Hora”, Rio Téntem – Cametá (Pa).

⁵⁰MINOIS, Georges. A história do Riso e do Escárnio/Georges Minois; tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 32.

Dos “cabeçudos”, do “Última Hora” aos “linguarudos”, que faz referência ao próprio nome do cordão e com significados explícitos ou até implícitos compõem o irreverente Carnaval das Águas através da arte de homens simples, do interior, mas com uma capacidade de produção e criação da sua própria arte estampada nas suas fantasias que irão corroborar na exuberância das apresentações. É, pois, nos moldes do barro constroem a fisionomia das pessoas e devem ser chamadas de artistas como o seu Neco Dias se considera um artista nessas perspectivas, não apenas por produzir as máscaras, mas por todo o conjunto da obra que é a realização do Carnaval.

[...] “Exatamente, pois então, me considero sim. Inclusive (tosse e conserta a garganta), fim de agosto pra setembro, 5 de agosto, 5 de setembro veio um senhor alto, forte, aí teve em Mocajuba, aí eu tava em Mocajuba. [...] “Ele disse: olha, você é um artista. Ele falô pra mim, você escrevi o que não vê, é um artista você fazer essas máscaras que em Belém ninguém conhece. Sabe daquela de plástico, mas desse tipo. Aí mandei tirar barro, aí preparei tudo né.” [...]”⁵¹

O reconhecimento de sua arte, de perpetuação dos saberes, da absorção de um conhecimento de antepassados, da habilidade em utilizar a seu favor os recursos da própria natureza é um dos mecanismos de manter e repassar os saberes adquiridos. Tantos pretextos para manter-se na ociosidade pela falta de oportunidade na vida social, no que diz respeito a um trabalho remunerado para a subsistência. Mas não, a coragem, a determinação e a perseverança corroboram para que mãos e mentes incansáveis mantenham viva a tradição do Carnaval.

[...] “do interior, pouco estudo, num tenho muito estudo, quarta seria primária, agora muita prática. Porque os outros é, tem muitos estudos, elevado, os concursos, concursados não, mas num tem certa prática assim, num tem um certo conhecimento.” [...]”⁵²

⁵¹Neco Dias, 70 anos, 03/11/2015, “Os Linguarudos”, Rio Santana – Cametá (Pa).

⁵²Neco Dias, 70 anos, 03/11/2015, “Os Linguarudos”, Rio Santana – Cametá (Pa).



Figura 7: Máscara de um dançante do cordão “Os Linguarudos”. Moldada no barro e recoberta de papelão e colada com goma de tapioca. De posse do Sr. Joanivaldo Lopes Mendonça um dos sócios do cordão. (Foto: Elizane Miranda/novembro de 2015).

É, pois, possível compreender a partir da arte carnavalesca,

através da sua efemeridade no que diz respeito a continuidade da festa sobre os anos com os preparativos, especificamente, quanto a Escola de Samba de Padre Miguel. Onde as expressões artísticas são frutos também das experiências biológicas e que o visual do carnaval é de todo modo o elemento de apresentação deste para a sociedade como um todo.⁵³

A criatividade é, portanto, um elemento convergente entre grupos tão distantes geograficamente e ao mesmo tempo tão próximos no que diz respeito às suas expressões através da arte de elaborar e confeccionar fantasias, máscaras e quaisquer outros adereços que façam parte do Carnaval. Neste sentido, a tradição aqui sugerida como permanência⁵⁴ nesse espetáculo do Carnaval através da arte alegórica dos adereços que o compunham, assume o caráter de propagar e manter no tempo a beleza visual do espetáculo, quer seja na rua ou no rio.

Por outro lado, com diferenças visíveis que são feitas através de sua construção identitária dentro dessas manifestações carnavalescas. Contribuem para a diversificação da

⁵³CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro, 1954 – O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval/Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

⁵⁴THOMPSON, E. P. Costumes em comum / E. P. Thompson: revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

beleza e da riqueza na arte expressada em tempos de folia quer seja nos rios do município de Cameté, quer nas avenidas do samba nas cidades que servem como referência do Carnaval brasileiro que são Rio de Janeiro e São Paulo.

Os artistas ribeirinhos são homens e mulheres dotados de saberes fruto da vivência em sociedade, da adaptação de mecanismos que os possam ser favoráveis nesse aspecto cultural. Não possuem altos níveis educacionais no que diz respeito às instituições, mas atuam como mantenedores da expressividade da cultura popular transvestida pelo Carnaval como “intermediário”⁵⁵ entre a cultura erudita.

Há sobreposto a necessidade de inovar a cada ano com as fantasias, com as máscaras e com as comédias. No entanto, mediante a situação econômica não favorecer a propagação da manifestação cultural dos cordões de mascarados, é anseio dos coordenadores a produção tal qual a das comédias todos os anos, mas se a “maré não for favorável” as fantasias se repetem, mas a alegria não é comprometida.

[...] “Nós repetimu, nós repetimu por causa que o seguinte. Nós, sempre nosso carnaval aqui nós gustamu de apresentar cuisa especial. É, o carnaval das águas só os melhores pode perguntar pra qualquer. É os melhores carnaval. Por que é os melhores? Por que é os melhores? Porque tudo ano nós temu que comprá fantasia nova pras mulheres, brilho pras mulherer que é caro, piruca, tudo isso tem, as pintura de máscara, tudo ano tem que trocar, nós temus máscara aí. ” [...]”⁵⁶

As comédias que dão voz aos cordões são um dos elementos de maior expressividade, visto que é através dela que há intencionalidade na manifestação a fim de chamar a atenção para algo, isto é, seja para a realidade ao qual se vive, seja para relatar um sentimento de felicidade, por exemplo. Essas diferenças são apontadas e perceptíveis na fala de algumas pessoas quanto à crítica existente a algumas questões pontuais como a política.

[...] “Não, sempre eu gosto de fazer piada mesmo (risos). Eu vu falar uma pra ti aí (risos) do tempo do patetão daí falava assim: me chamu de pateta, mas eu num su pateta, tenho certeza que não, isso é crítica do puvu eu su até bunitão. O outro dia na cidade veja o que me aconteceu eu fui fazer uma compra e meu dinheiro desapareceu. Eu fui numa festa uma linda garota eu tinha arranjado, quando eu procurei por ela outro já tinha levado (risos). Assim que é, então é só piada. ” [...]”⁵⁷

Por conseguinte, a crítica está na intencionalidade de demonstrar uma determinada realidade seja ela boa ou ruim. Sendo assim, mesmo que não se admita em alguns casos a

⁵⁵Sobre cultura intermediária ver: FRANCO JR., Hilário. A Eva Barbada. São Paulo: Edusp, 2010, p. 27-66.

⁵⁶João Moraes, 66 anos, 10/11/2015, “Rei da Brincadeira”, Rio Pacovatuba – Cameté (Pa).

⁵⁷Raimundo Pinto Batista, 10/11/2015, “Última Hora”, Rio Tentém – Cameté (Pa).

propagação de uma crítica social, fica evidente a contradição de tal afirmação diante das tantas comédias faladas através das rimas e da criatividade desses “artistas da terra”, mas que será desfavorável em plena vigência do regime militar para “Os Linguarudos” levando-os ao banco dos réus, questões a serem trabalhadas no próximo capítulo.

Assim, é possível compreender, sobretudo, dentro da proposta deste capítulo que o município de Cameté com suas manifestações carnavalescas foge do senso comum e se respaldam em um Carnaval secular e com características que perpassam o regional e que representa a sua comunidade não só ribeirinha, mas os cametaenses de um modo geral, “pois não são simplesmente “eventos”, mas sim a culminância de processos culturais que, não raramente, se estendem ao longo do ano. Das mais tradicionais às mais modernas, deitam raízes profundas na vida dos grupos que as promovem”.⁵⁸

Desde as práticas do “velho entrudo” elencado ao início dessa abordagem a sua resignificação perpetrada nos cordões de mascarados até os dias atuais alcançando municípios vizinhos como Mocajuba que é o berço dessas expressões do Carnaval nas Águas que se reinventaram em Cameté, mostrando sua força na tradição dos antigos blocos de mascarados e das cantigas de serenata, seresta e com o tradicional samba de cacete que representam um pouco da cultura e identidade do povo cametaense. Venceu o tempo e as mais distintas formas de se acabar com tais expressões.⁵⁹ Onde em cada colorido, em cada comédia rimada e a cada verso falado nas rodas dos cordões está perpetrada a identidade de cada um desses carnavais através de suas composições, as comédias.

⁵⁸CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. Texto publicado em Um Olhar sobre a cultura brasileira (Orgs. Márcio de Souza e Francisco Weffort). Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. pp. 293-311, p. 5.

⁵⁹CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920 – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CAPÍTULO II: AS COMÉDIAS DOS CORDÕES DE MASCARADOS SOB UMA PERSPECTIVA DE CRÍTICA SOCIAL

2.1- O poder de expressividade das comédias

É da palavra grega *Kômodia* que vem a palavra comédia, que segundo Aristóteles representa o exagero dos defeitos do ser humano. E surge das dionisíacas do campo nas comunidades camponesas da Ática no mês de dezembro. Festas onde o riso e gritos exacerbados prevaleciam. Atrelado as dionisíacas estavam as competições das comédias e tragédias por volta de 501 e 505 a.c.⁶⁰ E uma das características de maior apreço do Carnaval das Águas são suas comédias faladas através das rimas nas apresentações, e estão ligadas a um fato social seja de queixa ou de glória. O seu conteúdo é incerto até a hora da apresentação, mas a única certeza que se tem é que irão “falar mal de alguém”. No entanto, entre falar mal ou/e denunciar um fato social, isso é feito entre risos, quer seja do expectador ou do brincante.

Mas quais os conteúdos que essas comédias carregam? Qual a sua intencionalidade e direcionamento? Elas são apenas crítica social ou falam de romance? Há ofensividade ou essa característica se perde nas rimas e no riso? Sendo as comédias de crítica, o riso então pode ser irônico? Essas e outras questões são relevantes na abordagem desse capítulo a fim de se compreender através das experiências cotidianas e das práticas festivas que, na sua totalidade não estão vinculadas a uma simples válvula de escape ou de uma inversão da ordem social ou das estruturas físicas desse carnaval, a expressividade através dessas comédias rimadas que são um elemento ímpar nessas manifestações, e que correspondem à realidade da comunidade⁶¹, onde além do riso, o seu conteúdo pode possuir variadas intencionalidades.

Assim como as máscaras, as comédias possuem tanto quanto o poder de arrancar o riso da plateia, seja ele humorístico ou irônico. O Sr. Manelão, um dos antigos responsáveis do cordão Rei da brincadeira, ao ser questionado sobre o uso da máscara, sua esposa a Sr.^a Maria Pereira respondeu: “ Isso é pra fazer graça, fazer graça [...]”. Ou seja, mesmo que a finalidade da representação das máscaras nesse caso seja para alguns apenas motivo de “graça” ou de

⁶⁰MINOIS, Georges. A história do Riso e do Escárnio/Georges Minois; tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

⁶¹DAVIS, Natalie Zemon. Culturas do Povo: Sociedade e culturas no início da França moderna: oito ensaios/Natalie Zemon Davis – Tradução de Mariza Correa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

humor, nas comédias existe uma significação que ultrapassa o cômico, mesmo que o gracejo seja a justificativa destas.

De comédia de amor às de crítica, o riso é o elemento característico na hora da apresentação, mas que não pode ser entendido como única explicação para a composição dessas comédias. É evidente que o Carnaval é propício ao riso e que compor comédias engraçadas seja parte do ritual, mas atrelá-las a um único significado é negar toda a criticidade de seu conteúdo. É como se o riso tivesse uma dupla personalidade ou uma dupla verdade do real e do irreal, chegando a representar várias faces que muitas vezes se destoam entre amigável e agressivo, irônico e angelical, humorado e sarcástico, isto é, multiforme⁶². Assim, o conteúdo das comédias irá de todo modo caracterizar o tipo de riso na plateia.

Dentre os cordões de mascarados, “Os Linguarudos”, portanto, com suas comédias reafirmam a cada ano o seu potencial de críticos na figura de um dos seus mais expressivos coordenadores que é o Sr. Neco Dias que, com sua arte de escrever demonstra a criticidade e seu descontentamento e atenção aos problemas social nas suas comédias rimadas nas apresentações, que em registro escrito datam de 1997 e que abordam dentre os mais diversos temas a realidade política da busca de votos e sem data definida em sua memória.

I

Político:

“Sou a esperança política
para o povo consagrar
sou um dos candidato
que muito faz confiar
pelo meu respeito e honestia
pelo modo de falar

Eleitor:

ainda bem que este ano
as coisa pode mudar
ninguem compra meu voto
tem que me conquistar
este negócio de converça

⁶²MINOIS, Op. Cit.

não vai me interessar”⁶³

O jogo político é de certo modo um dos assuntos de muito apreço nas comédias desses carnavais, já que os problemas são os mesmos, pois, é onde há a possibilidade de demonstrar descontentamento social da política local e/ou nacional ao qual a população no geral está acometida, com tantas barganhas e favorecimentos políticos que ambas as partes se envolvem, com promessas mentirosas que podem ou não convencer o eleitor. Na comédia acima retratada, temos um cidadão atento à realidade política, onde o discurso do candidato não o convence mediante propostas de favorecimento pessoal em troca do voto. Entretanto, não há perspectivas desse eleitor por mudanças nessa estrutura e a fuga dessa realidade é brincar o Carnaval e deixar tudo como está.

Questões ligadas a vida política estavam estritamente relacionadas às comédias antigas da Grécia, especificamente, as apresentadas nos teatros escritas por Aristófanes sobre as lideranças políticas como Péricles, Alcebíades que forjavam uma falsa democracia⁶⁴. Na França do século XVI as críticas ao governo também estavam presentes nas comédias.⁶⁵ No Brasil não era diferente desde o final do século XIX e mais notadamente início do XX com a utilização das máscaras pelos cordões que satirizavam e escarneciam a realidade política local fosse no Rio de Janeiro ou na Bahia, também era notória essa prática de crítica, mas que era coagida pelas autoridades locais⁶⁶ ou nos rios de Cameté com o Carnaval dos Ribeirinhos que estão começando nesse período a expressarem sua forma de festejar o Carnaval.

Ademais, um dos elementos característicos dessas comédias, que direcionadas a uma determinada realidade social expressam com rimas e trovas os anseios da população é a sua intencionalidade e criticidade. É evidente que a rima e o riso humorístico não diminuem a intencionalidade da insatisfação nesses versos, mesmo que num cenário do mundo antigo ao local. Mas a crítica pode passar despercebida ao olhar do público que os prestigiam nas apresentações. É notório perceber também que não há citação de nomes e/ou pessoas especificamente, mas um relato quase que generalizante quanto ao problema, muito embora em situações particulares relacionados ao município de Cameté ou Mocajuba ambos sejam mencionados. Essas problemáticas são representadas com as particularidades de cada grupo.

⁶³Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para os personagens: político e eleitor, no Carnaval de 1999 para “Os Linguarudos.”

⁶⁴MINOIS, Op. Cit.

⁶⁵DAVIS, Op. Cit.

⁶⁶SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no sertão da Bahia. Proj. História, São Paulo (28), p. 243-269, junho. 2004.

No entanto, esse desejo de indignação se vivifica a cada verso recitado e a cada Carnaval apresentado. Mas, além das comédias de crítica, alguns cordões apresentam uma composição um tanto romanceadas, chamadas de poesia por alguns brincantes.

[...] “Oh, as comédia aqui no interior a senhora sabe que as comédia do interior é uma puisia, uma puisia. Se sabe disso, é uma puisia, por exemplo, cumadre cum cumpadre, oh. [...] Aqui no nosso carnaval num se toca na família de ninguém, nosso carnaval é uma poético. Vai disputa cum fulano de tá cum uma moça. O casal vai se disputa com o rapaz sortero que é panema⁶⁷. A gente vai passando no ano que vai chegar e lá pra fora tá acontecendo, água, a barrage, nós vamu butá. ” [...]⁶⁸

Um fator de relevância está no respeito dado a questões pertinentes à família, em não citar nas comédias situações que envolvam ou comprometam a integridade das pessoas do rio. É evidente que o Sr. João Rodrigues se referiu a composição de grupos como “os linguarudos” que, tem como conteúdo de suas comédias os mais variados assuntos desde intrigas entre moradores dos rios, e isso fica implícito nas composições à temas de cunho regional, nacional e mundial com eloquência e respeito aos sujeitos.

Os problemas da atualidade servem de inspiração para esses incansáveis escritores de comédia, assim como o seu desejo de mudanças e inconformidades com a realidade social. Desde situações corriqueiras do dia a dia a problemas de grande repercussão nacional. É certo que essas questões são relevantes a todo o contexto social, seja nas populações ribeirinhas ou nos centros urbanos.

Assim, é contundente e relevante que em tempos de Carnaval sejam elas de crítica ou “poemas” como afirmou acima o Sr. João Moraes, o que vale mesmo é escrever as comédias, que podem ser esquecidas com as comédias do próximo ano, isto é, se a problemática não se repetir. A comédia a seguir representa um misto de intencionalidades no que diz respeito ao seu conteúdo e sua característica de uma poesia.

I

“Olha aqui garota bonita
deixa de sofrimento
vamos levar um papinho
quem sabe vai pintar o casamento
eu sou meio pequenino

⁶⁷Expressão muito utilizada pelo caboclo amazônico para designar a “falta de sorte”.

⁶⁸João Moraes, 66 anos, 10/11/2015, “Rei da Brincadeira”, Rio Pacovatuba – Cametá (Pa).

mais contigo eu aguento.

II

Sim sou criança não nego

mais eu quero te amar

eu estou bem crescidinho

e já deixei de mamar

toma conta de mim meu amor

acaba de me criar.

VI

E agora palhaço

quero ver o que vai dar

eu e a minha gatinha

estamos prontos pra dançar

alô maestro querido

vamos cirandar.”⁶⁹

A comédia apresentada tal como as demais possui uma intencionalidade e ela se faz na atitude de um jovem rapaz rico querer namorar uma jovem moça. Assim, apresentar entre rimas e trovas a realidade de casais novos que cedo se casam e até com um certo erotismo nas entrelinhas, mas que de certo modo é um assunto corriqueiro e de grande apreço do público. Infere-se que os personagens sejam o “namorado” e a “namorada” neste cordão, visto que através dos escritos não fica explícita tal informação e tão pouco o ano para o qual a comédia fora escrita, já que elas não se repetem ano a ano.

Entretanto, existem situações que possibilitam uma composição mais amena e é sob essas características que as poesias amorosas e/ou romanceadas se apresentam nos cordões recheadas de uma crítica implícita. Entre críticas aos problemas sociais, sátira sobre pessoas e situações do dia a dia o importante é permanecer viva a tradição dos cordões com as particularidades das práticas carnavalescas de cada um.

Portanto, a partir das abordagens feitas acerca do poder de expressividade com que cada cordão expõe suas comédias e o conteúdo que elas possuem, fica evidente que a realidade local e até a nível nacional é abordada com certa eloquência e coerência no que diz respeito a assuntos mencionados direta ou indiretamente. Onde os compositores são na sua maioria os próprios membros (coordenadores/dançantes/simpatizantes) desses cordões que de ano a ano expressam

⁶⁹Comédia composta pelo Sr. Eulálio Tenório para o cordão “Última Hora.”

seus anseios através da habilidade de compor esses pequenos textos que rimam e alegrem seus expectadores.

É preciso destacar que as experiências cotidianas desses sujeitos corroboram significativamente para a perpetração e desenrolar desse ritual que é organizar, escrever e de brincar o Carnaval. O ritual aqui longe de ser uma mera expressão religiosa⁷⁰, mas um mecanismo organizacional que envolve pessoas de mais diferentes personalidades em prol de um único resultado que é brincar anualmente o Carnaval.

Tal como as características dos cordões carnavalescos que, desde o século XIX e XX, ganham espaço no cenário festivo da sociedade brasileira mesmo sendo vistos como algo depreciativo ou até como rebeldes⁷¹, eles surgem espontaneamente e ocupam seus lugares nas práticas carnavalescas senão do povo brasileiro, mas de uma camada da população que reinventou o festejo de Carnaval e adaptou à sua maneira, usando os recursos que lhes cabem como bons inventores de arte. Arte essa expressa através da organização de um Carnaval que transcende os limites das ruelas e do espaço urbano, e que a mais de um século perpetua a identidade das comunidades ribeirinhas nos dias da festa.

Esse sentimento de identificação com a cultura do Carnaval pode até ser momentânea, mas ela expressa a construção de uma pertença que está imbricada a vivência dessas pessoas, ao lugar que lhes abriga e do “ser ribeirinho”. É evidente nesse cenário da composição, a autonomia que esses escritores assumem ao escreverem os mais variados assuntos, mesmo que em um determinado tempo tenham sofrido censura do governo ditatorial⁷².

2.2- O papel social das comédias

Da crítica explícita ou implícita propaga-se o sentimento de mudança. É preciso chamar a atenção dos moradores para os acontecimentos anuais, quer sejam do seu entorno ou de um âmbito mais geral, que são a inspiração das comédias. Mas, sobretudo, de não deixar que suas vozes se calem diante dos percalços e mazelas da vida, onde impreterivelmente, o Carnaval é o

⁷⁰HUNT, Lynn. “Massas, comunidades e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. A nova história cultural; tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História).

⁷¹CUNHA, Maria Clementina Pereira. Ecos da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920 – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁷²Refiro-me aqui a censura sofrida pelo cordão ‘os linguarudos’ por volta da década de 70 do século passado pela Ditadura Civil-Militar ao qual será dado ênfase no final deste capítulo.

refúgio desses anseios. Os temas das comédias são os mais distintos e são atrelados aos personagens que variam de cada cordão.

Entre intencionalidades, esses grupos com características particulares e ao mesmo tempo comuns no que diz respeito ao “evento” – o Carnaval – é, pois, possível perceber que as comédias são escritas muitas vezes por um mesmo compositor para vários cordões, dentre eles os que se consideram diferentes quanto a produção e representação do Carnaval com as comédias através do seu conteúdo. Dentro das perspectivas do Carnaval das Águas é, pois, tratado dos mais distintos assuntos, dentre os quais as relações comerciais. A comédia abaixo demonstra através de um diálogo a conversa dos produtos cacau com a pimenta-do-reino muito comum na região.

I

“Caqualista:

que tá companheiro
a sua situação
como fomos de safra
e o futuro como vai ser
na sua opinião

Pimentalista:

o meu futuro eu não sei
como é que pode ser
e o seu, que tar
o que você vai fazer
do jeito que a coisa vai
so Deus pode saber

V

Caqualista:

vamos deixar de chorar
o pior é morrer
só Deus é que sabe
e que pode nos valer

Pimentalista:

agora você falou
e vamos se conformar

brincando no falador
campeão do carnaval”.⁷³

Voltada para uma abordagem no plantio e venda de dois produtos renomados na região, o cacau e a pimenta-do-reino, é posto através da compra e venda desses produtos que decerto modo segundo a fala dos personagens estão em decadência, além de um futuro incerto quanto ao melhoramento nas negociações. É, pois, comum de serem encontradas nessas comédias situações como as apresentadas acima, contendo esse diálogo entre produtores; comerciantes que reclamam de seus negócios não estarem em boa fase, seja pela carência nas vendas, seja pelo baixo preço dos produtos. Essas e outras questões do dia-a-dia das relações sociais dos ribeirinhos são colocadas como temas geradores dessas composições.

Entender o popular nesse contexto, é, sobretudo, compreender a dinâmica social que essas pessoas estabelecem nas suas vivências diárias com seus grupos, e não entender como popular por se tratarem de pessoas que vivem na zona rural à beira dos rios. O popular é tão heterogêneo quanto à cultura do Carnaval e não são fatos prontos. Se por um lado o “popular” representava o povo, as camadas subalternas da sociedade, que representa nas comédias as suas demandas sociais, já que a cultura popular é um produto histórico, ela representa hoje uma identidade nacional construída a partir do século XX⁷⁴, o Carnaval passou a integrar esse popular, ao qual os ribeirinhos de Cameté estão inseridos com o Carnaval das Águas e suas comédias. Não que o Carnaval seja comemorado apenas por pobres, mas ao contrário, faz parte da cultura daqueles que se identificam com o festejo.

Dentro da perspectiva do cotidiano, as comédias e o seu riso ganham uma conotação das relações sociais do dia a dia entre os grupos. O riso festivo, que na antiguidade era avesso ao cotidiano⁷⁵, assim também o Carnaval na sua essência. O avesso é de todo modo uma possibilidade de demonstração da festa, isso não quer dizer que seja contrário a ela. Logo, fugir dos padrões de normalidade sociais para brincar o Carnaval, especificamente, no Carnaval das Águas, há o equilíbrio entre a fuga dos padrões sociais da desordem com o consumo de bebidas alcoólicas pela maioria dos dançantes, por exemplo, com a eloquência na composição das comédias que se preocupam na sua totalidade em retratar os anseios cotidianos e suas peripécias.

⁷³Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para os personagens: Caqualista e Pimentalista de “Os Faladores” no Carnaval de 2006.

⁷⁴CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Duas ou três coisas sobre folclore e cultura popular. Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 28-33.

⁷⁵MINOIS, Georges. A história do Riso e do Escárnio/Georges Minois; tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

Língua de Aço

II

“aqui estou novamente
cem por cento especial
vim brincar os linguarudo
nesta quadra de carnaval
mais o signo que carrego
é de todos falar mal

V

adeus mamãe velha
que todos querem mamar
a briga pelo poder
so pra querer se arrumar
cadeia se Joaquim Barbosa
não deixe aturma roubar

VI

eu foi na prefeitura
quando vi a gargalhada
era o prefeito com o vice

se acabando na bofetada
era gente pulando janela
procurando sua morada

VII

corria os secretario
e tambem os vereador
o pau comeu no centro
de padre com pastor
e quem ganhou a luta
me explique por favo.” [...] ⁷⁶

Língua de aço, um dos personagens dos cordões assume na sua totalidade o papel de “soltar o verbo”⁷⁷ – falar dos mais variados assuntos. Na comédia acima faz-se inferência a cidade de Cameté ou Mocajuba que numa situação de caos, ao isolamento e as disputas políticas

⁷⁶Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o personagem: Língua de Aço de Os Linguarudos no Carnaval de 2014.

⁷⁷Expressão usada para referir-se a alguém que irá falar em demasia e sobre os mais variados assuntos, que irá falar de tudo e de todos.

fundidas por interesses próprios causam um certo tumulto quando é ocorrida algum tipo de investigação. Quando o autor cita o nome de Joaquim Barbosa⁷⁸, de certo que se refere à política no âmbito nacional, mas que está imbricada com as políticas locais. “O recanto verde”⁷⁹ – uma funerária da região, portanto, como personificação da morte desses municípios entregues as barganhas políticas.

A função ou o papel social das comédias é, sobretudo, de alertar a população em tempos de folia das problemáticas da comunidade local; dos acontecimentos anuais noticiados pela mídia de modo geral; dos eventos políticos; dos descontentamentos da falta de assistência médica e dos demais benefício que goza um cidadão, ao qual todos - sejam dançantes, compositores ou a plateia - estão inseridos. Mesmo que o alcance de suas vozes não se propague além do Rio Tocantins, com algumas exceções, a capital do estado, a mais de um século falam brincando o Carnaval em alto e bom tom dos problemas que lhes afetam.

Reclame

I

“agora chegou a Hora
das grandes decisão
vou falar somente a verdade
não quero reclamação
doa a quem doer
mais tem a aver punição

VI

mulher é palavra doce
facio de pronunciar
se tiver coisa melhor
Deus não deixou nesse lugar
levou pra bem longe
sem ningem pra cobiçar.” [...] ⁸⁰

⁷⁸Joaquim Benedito Barbosa Gomes, conhecido por Joaquim Barbosa. Foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal por Decreto de 5 de junho de 2003, para a vaga decorrente da aposentadoria do Ministro José Carlos Moreira Alves e tomou posse em 25 do mesmo mês. Foi eleito por seus pares na Sessão Plenária de 22 de novembro de 2012 para exercer a Presidência do Supremo Tribunal Federal para o biênio de 2012-2014. Aposentou-se por Decreto de 30 de julho de 2014, publicado no DOU, Seção 2, p.3 em 31 de julho de 2014. É Doutor e Mestre em Direito Público pela Universidade de Paris-II (1988-1992), é especialista em Direito e Estado pela Universidade de Brasília (1980-82). <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=39>, 21-08-2016, 21:10.

⁷⁹Empresa de serviços funerários existente nas cidades de Mocajuba e Cametá (Pa).

⁸⁰Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o personagem: Reclame de “Os Linguarudos” no Carnaval de 2012.

A comédia acima traz um vasto conteúdo, com várias possibilidades de interpretação e de riso, que com elementos ambíguos que causam em quem ouve uma dualidade quanto ao que pensar do seu conteúdo. Desde o preconceito nas entrelinhas aos questionamentos do dia a dia das pessoas como a separação dos casais, assim como homens que vivem uma vida extraconjugal, enaltece a mulher como um ser perfeito, assim como deixar evidente o prestígio do seu cordão “os linguarudos”.

Essas temáticas sociais, portanto, são as principais questões dessas comédias. Nos mais variados cordões, principalmente, “os linguarudos”, “os piratas”, “os faladores” e “bola preta” têm em comum além da problemática retratada em suas comédias, um de seus compositores, o Sr. Neco Dias, que dentre um ano e outro compõe não apenas para seu cordão, mas para aqueles que reconhecem nele o potencial de escrever até de improviso as comédias carnavalescas.

2.3- Neco Dias: o escritor da crítica social



Imagem 8: Neco Dias em sua residência no Rio Santana no município de Cametá (PA). (Foto: Elizane Miranda, novembro de 2015).

Benedito Medeiros Dias, nasceu no dia 05 de dezembro de 1945, filho de Silvio Dias da Silva que era carpinteiro e Dona Itervina Medeiros Dias pais de cinco filhos, dos quais só dois estão vivos seu Neco Dias e Océlio. Casado e pai de 13 filhos, cursou até a 4ª série primária e paleógrafo, sua profissão é fazer placas e abrir letras, um “profissional do pincel”. É integrante do cordão carnavalesco “Os Linguarudos” de Santana desde os seus 16 anos, hoje Associação Cultural Santanense fundada em 24 de dezembro de 2002 sob a direção do Sr. Raimundo Zacarias da Silva (Tio Zaca). Além de grande escritor das comédias dos carnavais ele é o personagem repórter, atualmente, no seu cordão.

Antigo morador do Rio Santana, Benedito Medeiros Dias, o famoso Neco Dias, um apaixonado pela sua cultura local expressa pelo Carnaval das Águas, há mais de 30 anos escreve com eloquência em suas comédias os anseios, as mazelas em alto e bom tom da população local. Ele é, na linhagem dos renomados comediantes do secular Carnaval das Águas, o terceiro, seguido de Satirinho e Maneco Leão, ambos falecidos, todos ligados diretamente ao cordão “Os Linguarudos” do qual seu Neco Dias é integrante até os dias atuais. Em um pequeno livro impresso em 2006 com o apoio de sua amiga Suely Leão ele narra com rimas toda a sua estória de vida, que aqui não caberá a discussão, mas sua colaboração como um escritor popular, que fala do povo e para o povo de comédias carnavalescas voltadas à crítica social, onde ele se considera como tal de acordo com apontamentos no capítulo anterior.

Comediante renomado na localidade, reconhecido pelo teor crítico que suas comédias possuem, compõe para os mais distintos cordões, seguindo o perfil de cada grupo. No entanto, fica implícita e muitas vezes explícita o direcionamento que essas composições apresentam com os mais distintos assuntos pertinentes ao contexto social das comunidades ribeirinhas, principalmente. As comédias que seguem apresentam dentro da relevância da crítica social os mais diferentes aspectos.

I

“Comerciante:

sou um comerciante
 que vivo na polencia forgadão
 com um estoque de mercadoria
 na pra não devo um tostão
 compro e vendo todo a vista
 pra não haver reclamação

Roceiro:

eu sou o roceiro falado
 que muitos faz comentar
 com muitas roça madeira
 em ponto de dismanchar
 maxixi jurumum e melancia
 isto eu tenho pra esportar

V

Comerciante:

este negocio e furado
 Deus queira me livrar
 os roceiros são velhacos
 compra e não vem pagar
 está pençando que dinheiro
 está fácil de arrumar

Roceiro:

vilhaco não senhor
 é ter um preconceito
 se compro e não pago
 é por falta de esquecimento
 eu queria primeiro o dinheiro
 pra fazer um casamento”⁸¹

Escrita no final do século passado é colocado nesse contexto social à relação existente entre dois personagens como o Comerciante e Roceiro, que no jogo de interesse pela lucratividade dos seus negócios criam mecanismos de convencimento de ambos para a negociação de seus produtos, além é claro de um sistema recorrente das pequenas povoações da venda “fiada”, no caso aqui desse diálogo o comerciante deixa explicito que a faz somente para aposentados.

Assim como existe a disputa através do convencimento entre o diálogo com os dois personagens da comédia: o comerciante e o roceiro, é, pois, relevante uma comparação quanto ao *repente* nordestino com as disputas ou desafios através do improviso cantado. O improviso

⁸¹Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para os personagens: Comerciante e Roceiro de “Os Linguarudos” no Carnaval de 1997.

talvez seja o fator que aproxime tais práticas, haja vista as comédias do Carnaval das Águas não obedeçam a métrica e a organização mimética das estrofes e dos versos, mas segue com a finalidade de com seu conteúdo relatar com rimas os problemas sociais ou quaisquer que sejam as temáticas. A vida ribeirinha decerto não é fácil, no entanto, a crítica está na vida razoável que poucos levam, a exemplo do comerciante que lucra com a venda de seus produtos com preços exacerbados. Um outro ponto a ser observado é a má fama do roceiro por ser “velhaco” – que não é um bom pagador.

Dentro dessas proposições é evidente uma relação direta da comédia com o contexto social que esses sujeitos estão inseridos quaisquer que sejam os blocos, seus questionamentos se fazem dentro da sua realidade de vida e sob uma tentativa de alerta para os moradores locais que são os membros e expectadores desse Carnaval, já que no Carnaval não há a divisão de atores e expectadores, todos fazem parte da festa que é o Carnaval na sua dimensão maior⁸². As comédias são as mais variadas, entre críticas à exaltação de um determinado local, pessoa, etc., mas, sobretudo, de uma expressão de anseios vividos no dia a dia.

Fuchiqueiro

I

“eu sou um homem praguejado
conhecido por fuchiqueiro
sou mais sujo
que o pau de galinheiro
mais não sou galo nem galinha
que dorme pelo poleiro

II

comigo as coisa errado
eu quero comentar
ando de casa em casa
so pra encafocar
com esse meu fuchico
até onde vou chegar

V

⁸²BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais / Mikhail Bakhtin; tradução de Yara Frateschi Vieira – São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

o meu defeito é ser fuchiqueiro
 não brigo nem faço roubar
 nunca dei nem apanhei
 porque sei me livrar
 é por isso que estou no bola preta
 pra brincar o carnaval.”⁸³

Tão comum quanto o personagem é o indivíduo fuxiqueiro. Essa é a crítica do autor para esse tipo de pessoa que demanda seu tempo para importunar e se importar com a vida e as coisas alheias em vez de tratar de assuntos de seu interesse. Na roda do cordão a comédia falada gera decerto modo um desconforto naquele indivíduo que se assemelhar a essas características, por isso destaquei no início dessa pesquisa no capítulo anterior que “se tem culpa no cartório” não vá à apresentação, pois podem falar da sua situação. Entre os mais distintos assuntos nas mãos de seu Neco Dias os versos rimados das comédias ganham vida e notoriedade em tempos de folia.

Época

I

“senhores preste atenção
 pra não exagerar
 as coisa acontecido
 é preciso comentar
 pra depois não dizer
 que eu vim pra criticar

III

a começar do prezidente
 pra terminar em deputado
 de prefeito a vereador
 que pratico coisa errado
 depois não diga
 que o pirata é o corpado

IV

veja a nossa educação

⁸³Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o personagem: Fuxiqueiro do “Bola Preta” no Carnaval de 2012.

é de se lamentar
 os alunos preocupados
 será que vamos estudar
 mas que governo é este
 que não sabe administrar
 XI
 vou ficando por aqui
 pra cabeça não esquentar
 porque se não meus amigos
 tenho muito o que falar
 adeus ate a próxima
 até outro carnaval”.⁸⁴

A Época é, pois, um personagem que traz os acontecimentos anuais geralmente mesclando o contexto local com o regional e nacional nas suas falas. O exemplo acima demonstra em tese essa relação quanto a temática política sendo apresentada pela referência ao presidente, deputados, prefeitos e vereadores que envolvem-se com a corrupção. É notória a crítica a estrutura política existente no país e nas cidades de modo geral, podendo-se inferir ser as cidades de Cameté e Mocajuba, já que em muitos casos há citação de nomes de lugares e pessoas. Um outro assunto da comédia é relacionado a vida conjugal atrelada a extraconjugal na figura do “Ricardão”, além de uma crítica ao uso de brinco por homens e a questão da homossexualidade.

Decerto que há a crítica quanto a esses temas citados acima, no entanto, moldados por valores próprios e restritos, talvez às verdades do próprio autor, mas que não perde a sua criticidade. No entanto, está inserida numa esfera particular a partir da sua concepção de mundo, o que de antemão é comum ao se escrever algo e mesmo que a imparcialidade seja a regra na escrita, ela está sujeita a não ser cumprida.

Portanto, dentre tantos compositores, escritores e artistas da comunidade estão inseridos com suas particularidades no cenário do festejo carnavalescos homens como o seu Neco Dias, mas tantos outros não citados aqui e que merecem destaque em uma outra oportunidade. Homens que buscam sua legitimidade através da possibilidade de coesão da comunidade nas suas composições, uma vez que é sob insatisfações que as inspirações artísticas surgem a cada

⁸⁴Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o personagem: Época de “Os Piratas” no Carnaval de 2006.

ano nas rimas das comédias. Essa comunidade tem membros distintos, que divergem ou concordam entre si, isso fica implícito nas suas composições.

Criticar não está associado, então, a falar mal de algo, mas no ato de questionar tal situação, logo, as críticas nas comédias são evidentes dentro dessas perspectivas de análise e estão diretamente ligadas às condições nas quais o sujeito está inserido. Não cabendo a este reconhecer-se como tal, mas procurar mecanismos de modificar a situação ou admitir-se como um crítico dentro do que a palavra acarreta em seu significado. As comédias descritas até o momento estavam na sua maioria ligadas a um escritor em comum, que com sua arte de escrever e compor entre versos rimados as mais variadas temáticas sociais. No entanto, uma de suas características é de certo modo a relação com as temáticas políticas, que fica implícita em algumas das comédias citadas aqui. Pois, bem, é dentro dessa especificidade que será feita a abordagem a seguir.

Sendo as festas atreladas inevitavelmente aos rituais, logo a cultura popular⁸⁵, feita para os homens e pelos homens a exemplo do Carnaval que, assume aqui o papel ritualístico através do preparo dos adereços que compunham o espetáculo como a composição das comédias, se configuram em territórios diversificados, no caso da Brasil com uma particularidade em Cameté ao acolher o Carnaval das Águas e seus ritos variados. Enquanto para a elite endinheirada do início do século XX a festa representava um instrumento de demonstração de uma forma civilizada de festejar o Carnaval, proibindo que os populares se expressarem através dos ranchos e cordões nas ruas de cidades como Rio de Janeiro, mas também de Jacobina na Bahia. Para o povo, a festa representava um repositório de costumes, de tradição, que só em tempos de folia teriam a possibilidade de expressão.⁸⁶

O ritual está aqui implícito ao processo de recriação e adaptação que cada grupo realiza a partir de suas particularidades. Nesse caso com a elaboração dos adereços, fantasias e comédias que representam os cordões de mascarados ribeirinhos, que longe do desejo de eximi-lo do espaço das festas como símbolo da “incivilidade” ele reina a mais de um século nos afluentes do Rio Tocantins. Todo esse cenário festivo e ritualístico do Carnaval das Águas se funde com as ações de seus idealizadores, os sujeitos sociais que compunham além das comédias como o Sr. Neco Dias e toda a organização da festa do Carnaval.

⁸⁵BURKE, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

⁸⁶SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no sertão da Bahia. Proj. História, São Paulo (28), p. 243-269, junho. 2004.

2.4- Da crítica social ao banco dos réus

Dentre os compositores da crítica social estão além de seu Neco Dias perpetrado na história do cordão os escritos do Sr. Maneco Leão que assim como os atuais responsáveis pelo cordão deixou seu legado e registro que em vigência da Ditadura Civil-Militar⁸⁷ fora censurado no município de Cameté. A comédia censurada retrata o diálogo entre dois personagens o Capitalista e o João Ninguém:

“Capitalista:

Eu sou capitalista
 Que vivo na opulência folgado
 Com 50 motores na linha
 Na praça não devo um tostão
 Já dei murro em ponta de faca
 Já trabalhei no pesado
 Hoje eu digo com orgulho
 Eu sou folgado.

João Ninguém:

Folgado, folgado
 Não me parece bem
 Para pessoa que tem

⁸⁷“Tornou-se um lugar comum chamar o regime político existente entre 1964 e 1979 de “ditadura militar”. Trata-se de um exercício de memória, que se mantém graças a diferentes interesses, a hábitos adquiridos e à preguiça intelectual. O problema é que esta memória não contribui para a compreensão da história recente do país e da ditadura em particular. É inútil esconder a participação de amplos segmentos da população no golpe que instaurou a ditadura, em 1964. É como tapar o sol com a peneira (...). Não, não se trata de esclarecer um equívoco. Mas de desvendar uma interessada memória e suas bases de sustentação. São interessados na memória atual as lideranças e entidades civis que apoiaram a ditadura. Se ela foi “apenas” militar ... (...). Desaparecem os civis que se beneficiaram do regime ditatorial. Os que financiaram a máquina repressiva. Os que celebraram os atos de exceção. O mesmo se pode dizer dos segmentos sociais que, em algum momento, apoiaram a ditadura.” (REIS, *apud*, PETIT; VELARDE, 2012, p. 186). “O regime derivado do golpe do 1º de abril sempre haverá de contar, ao longo da sua vigência, com a tutela militar; mas constitui um grave erro caracterizá-la tão somente como uma ditadura militar — se esta tutela é indiscutível, constituindo mesmo um de seus traços peculiares, é inegavelmente indiscutível que a ditadura instaurada no 1º de abril foi o regime político que melhor atendia os interesses do grande capital: por isto, deve ser entendido como uma forma de autocracia burguesa (na interpretação de Florestan Fernandes) ou, ainda, como ditadura do grande capital (conforme a análise de Octávio Ianni). O golpe não foi puramente um golpe militar, à moda de tantas quarteladas latino-americanas [...] — foi um golpe civil-militar e o regime dele derivado, com a instrumentalização das Forças Armadas pelo grande capital e pelo latifúndio, conferiu a solução que, para a crise do capitalismo no Brasil à época, interessava aos maiores empresários e banqueiros, aos latifundiários e às empresas estrangeiras (e seus agentes, ‘gringos’ e brasileiros)”. (NETTO, 2014, p. 75). É, pois, consenso a denominação de Ditadura Civil-Militar em vez de Ditadura Militar entre os autores.

A cadência pesada
Por ter roubado alguém
Eu sou um desses coitados
Meu nome é João Ninguém.

Capitalista:

Rapaz não adianta gaguejar
Não sou policial nem padre
Não posso te confessar
Mesmo não te conheço
Não queira argumentar
Cai fora do meu caminho
Não vem me insultar.

João Ninguém:

Eu não estou te insultando
E nem falando mentira
A palavra nua e crua
É esta que estou falando
E acaba soltando tudo.

Capitalista:

Soltando, soltando
O que não interessa falar
Com dinheiro eu compro tudo
E o que é que há
Para o teu governo
Em Belém já vou morar
Vai lá que posso te dar.

João Ninguém:

Oh! Miserável contrabandista
Cretino, infame, borçal
Deve pensar o que diz
Tu és a quinta coluna
Que vive roubando o país
Não mexe com minha língua

Senão eu meto o nariz.

Capitalista:

Para, para João Ninguém

Vamos se acamaradar

Tem aqui uma gorjeta

Tudo isto é carnaval

João Ninguém:

Bom, sendo assim

Vamos conversar

Mas isto quem sabe

Depois do carnaval. ”⁸⁸

A fala do personagem João Ninguém “Oh! Miserável contrabandista/Cretino, infame, borçal/deve pensar o que diz/tu és a quinta coluna/que vive roubando o país/Não mexe com minha língua/senão eu meto o nariz”, está recheada de intencionalidades de tantas vozes que se calaram e/ou foram silenciadas na Ditadura Civil-Militar.

Entretanto, existem algumas incoerências ou controvérsias quanto à comédia censurada, pois segundo o Sr. Neco Dias ele seria a pessoa a ter falado a comédia em uma de suas apresentações no Rio Santana em meados da década de 70 pelo jovem brincante Neco Dias na ausência do seu comediário⁸⁹ principal Alcindo que adoeceu e como o Neco Dias sabia a comédia e já possui os dotes para a brincadeira ficou encarregado de falá-la aos 16 anos. Segue um trecho da comédia sob os relatos do próprio Neco Dias:

“Vou falar da minha terra

Do meu berço e do meu lar

Cametá que coisa horrível

Ruim de se atravessar

Virou a terra do cangaço

Onde a lei deixou de mandar...”⁹⁰

A primeira comédia relatada encontra-se no histórico feito pelos integrantes do cordão, especialmente, pelo Sr. Benedito Maia. Por outro lado, a segunda é dita pelo Sr. Neco Dias que na ocasião da entrevista falara a comédia censurada. Isso deve as falhas de lembranças do fato,

⁸⁸Comédia escrita pelo Sr. Maneco Leão para o cordão “Os Linguarudos” por volta da década de 1970.

⁸⁹O comediário é a pessoa que fala as comédias nas apresentações, por exemplo, a época que é um dos personagens é ao mesmo tempo um personagem e comediário, pois fala as comédias.

⁹⁰Trecho da suposta comédia censurada, segundo os relatos de Sr. Neco Dias na década de 1970 pela Ditadura Civil-Militar.

ou carência de documentação sobre o ocorrido. Não cabe aqui definir qual foi censurada de fato, haja vista ambas acarretem conteúdo de censura para a época da Regime Ditatorial, mas compreender o evento pelo qual houve a censura e a um determinado grupo carnavalesco que é “os linguarudos”.

A censura sofrida pelo cordão no município de Cametá, deu ao grupo carnavalesco “Os Linguarudos” um período de clandestinidade, tirando-os de cena pelo menos no que diz respeito às apresentações com as comédias de crítica sociais e ao cenário político. No entanto, após o fim de Regime Ditatorial a partir de 1985 voltam a atuar com o que de melhor sabem expressar em tempos de Carnaval, lançar nas apresentações suas comédias versadas e rimadas. Esse retorno deu ao brilhante escritor Maneco Leão algumas linhas para expressar o sentimento de voltar a brincar o Carnaval criticando mais uma vez a injustiça cometida pelo poder local em censurar sua comédia.

I

“Mais uma vez estou aqui para brincar

Do carnaval ninguém pode escapar

Fui lá na cadeia visitar o pessoal

Os assassinos eu não vi por lá

Perdi o melhor este foi o resultado

Linguarudo, obrigado!

II

Fui escoltado como um grande criminoso

Pois a polícia para isto se abalou

Ela é mandada

Está cumprindo seu dever

Não é a culpada do que veio acontecer

Em Cametá eu fui muito bem tratado

Linguarudo, obrigado!

III

Pão com manteiga foi a minha refeição

Achei amigo nesta triste ocasião

Quando sai fiquei louco pra brincar

Fui procurando um motor para alugar

E lá no porto caiu n’água o desgraçado

Linguarudo, obrigado!

IV

Agora sim eu fiquei mais sossegado

Meu presidente já se acha empossado

Com ele é peia não haverá tapeação

Vai acabar com os parasitas da Nação

Capitalista é preciso ter cuidado

Linguarudo, obrigado!⁹¹

De volta ao Carnaval, “os linguarudos” continuaram e continuam, assim como os demais cordões de mascarados dos rios cametaenses a celebrar nos dias de folia a possibilidade de manter a tradição da festa ao divertimento causado também por ela. Essa tradição não pode ser explicada sob o exotismo apresentado por Melo Moraes Filho sobre o Carnaval Carioca do início do século XX, e que ganha conotação do “essencial”, da busca pela identidade nacional⁹².

Não se pode entender o Carnaval das Águas como exótico, mas como uma manifestação cultural e popular, que longe de ser folclore – visto como um saber tradicional do povo – tem sua maneira de estar na história com a criatividade e as adaptações necessárias por quem os reinventa ao longo desses anos de existência, onde as apropriações se dão de maneira particular de cada homem no seu espaço e tempo a fim de criarem suas próprias práticas.⁹³

⁹¹Esta comédia foi escrita pelo Sr. Maneco Leão no retorno dos brincantes “dos Linguarudos” censurados. E falada por ele mesmo em uma de suas apresentações como o Primeiro palhaço do Cordão.

⁹²MORAES FILHO, Mello. Festas e tradições populares do Brasil / Mello Moraes Filho, com um prefácio de Silvio Romero; desenhos de Flumem Junius – Brasília: Senado federal, Conselho Editorial, 2002. 386 p. (Coleção Biblioteca Básica brasileira).

⁹³CHARTIER, Roger. Á beira da falésia: a história entre incerteza e inquietudes / Roger Chartier, trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir não é tarefa fácil, mas possível. Portanto, tendo como objeto maior de estudo o Carnaval, com uma particularidade na cidade de Cametá com o Carnaval das Águas sob a tradição dos cantadores da serenata que embalavam os moradores ribeirinhos do final do século XIX, e que na atualidade atua com os cordões de mascarados satirizando através de suas comédias a realidade social que os cerca. É, pois, salutar perceber no tempo a perpetração da tradição festiva fundida a partir do Carnaval, que anualmente se reinventa com a insistência de seus presidentes ou coordenadores, além também de toda a comunidade que direta ou indiretamente se envolve no clima da folia.

Que o Carnaval das Águas faz parte da cultura cametaense isso está explícito, assim como a intencionalidade nas composições das comédias escritas pelos próprios brincantes. No entanto, é salutar perceber a dinâmica pela qual essa relação se estabelece a partir do dia a dia desses moradores das ilhas de Cametá. Onde suas experiências corroboram para a vigência e manutenção dessa tradição do Carnaval. A organização do Carnaval se dá através da disponibilidade de seus dançantes que entre outros são estudantes. Outro elemento importante é perceber que os brincantes não são específicos de um cordão, mas envolvidos com o Carnaval, havendo casos de uma mesma pessoa dançar em um ou até três cordões, isso é, se as apresentações não caírem no mesmo dia.

Se Bakhtin afirma ser o mundo um “gigantesco caldo de culturas”⁹⁴, o Carnaval, então, faz parte na sua essência dessa mistura de elementos distintos e ao mesmo tempo tão próximos no que diz respeito às práticas festivas que se fundem para um evento maior. Assim, são suas ramificações e especificações que fazem do Carnaval uma festa universal e restrita a grupos sociais que recriam e criam em dias de fevereiro a folia nas ruas, nos rios e onde houver o espírito carnavalesco da alegria contagiante através do riso.

Seja o Carnaval da Águas ou das cidades com os blocos de rua; as velhas práticas de entrudo que se perpetram na ruas da cidade do município com grupos que se sujam de trigo; os fofos ou quaisquer que sejam as práticas carnavalescas não representam a totalidade cultural do cametaense, ou das populações que vivem no entorno da região do Baixo Tocantins, mas representa a identidade particular ou de um grupo que assume a partir da identificação com tal

⁹⁴BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais / Mikhail Bakhtin; tradução de Yara Frateschi Vieira – São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

prática um elemento que compunha a cultura local. Assumir a identidade local é, sobretudo, atrelar à sua vivência práticas ritualísticas de festas propagadas no tempo desde a Europa, que encontra maneiras de estar na história através das particularidades que cada grupo assume ao adequar essas manifestações a sua realidade.

O lúdico do Carnaval através do gracejo das comédias rimadas, das fantasias disformes e seus coloridos extravagantes assim como a agitação em torno da apresentação de certo modo pode até camuflar a mensagem de crítica social que esses grupos carnavalescos, pelo menos a sua maioria quer transmitir dançando ou pulando o Carnaval. No entanto, ela se mantém firme, tão atuante quanto os integrantes do Carnaval.

O Carnaval das Águas está, portanto, atrelado à cultura popular do município e em uma esfera regional pode até perpassar o ideário do exótico ou a cultura folclórica. Entretanto, é preciso compreender essa manifestação carnavalesca como um produto do seu tempo e para ele, com características próprias e identitárias do município, e que mesmo comparado a outros carnavais para se compreender as diferentes facetas das expressões carnavalescas no Brasil, principalmente, no cenário das Escolas de Samba ou dos famosos blocos de rua e trios elétricos no Nordeste, especificamente na Bahia, ou ainda no Recife o Galo da madrugada, implícito a essa diversidade da festa está à criatividade de reinvenção a cada ano de colocar em cena e organizar um “Carnaval novo” para o seu público.

Essa manifestação cultural está tão atrelada ao cotidiano das pessoas com a inversão deste em dias de folia, quanto o Carnaval associada à cultura popular. É evidente que essa não é uma fórmula geral, mas um mecanismo de análise que possibilita compreender e perceber esses elementos imbricados a um fator de coesão que é o próprio ser humano nas suas mais variadas opções festivas. Não coube aqui elencar diferenças precisas entre esses cordões de mascarados, mas compreendê-los a partir de suas peculiaridades seja no uso das fantasias, das máscaras e das comédias. Além disso, as suas disputas pelo título do “melhor Carnaval”, as barganhas políticas pelo angariamento de voto, assim como uma abordagem aprofundada da questão da censura sofrida pelo cordão “os linguarudos”, mas sobretudo, a censura ao Carnaval em Cameté afim de se compreender o cenário particular do município quanto ao regime ditatorial, ficarão para uma outra análise em um outro momento.

Vou ficando por aqui, pois não posso mais alongar, o Carnaval todo ano se faz apresentar, tem muito assunto para tratar e muita estória para contar, caso haja interesse é só se adiantar, Cameté nem é tão longe, é só você se informar. A tradição é muito longa vem de muitas gerações, ela faz parte da identidade e da cultura da nação, o Carnaval é só uma parte desse rito da tradição. A cultura é o elemento da identidade do sujeito social, propaga-la é seu

direito caso seja essencial, o Carnaval das Águas representa essa cultura popular local. E se mais uma vez a rima ficou presente, não é preciso se assustar, pois a rima é um dos elementos desse lindo Carnaval.

FONTES

JORNAIS

- 1.1 Diário do Pará, 21-06-2015.
- 1.2 Diário do Pará, 29-01-2006.
- 1.3 Diário do Pará, 27-02-1988.
- 1.4 O Liberal, 06-03-2011.
- 1.5 O Liberal, 13-03-2006.
- 1.6 O Liberal, 15-02-2007.
- 1.7 O Liberal, 29-10-2008.
- 1.8 O Liberal, 08-02-1995.
- 1.9 O Liberal, 24-06-1993.

DOCUMENTOS E AFINS

1.1 Ficha de cadastro de solicitação de patrocínio junto à Secretaria de Cultura, turismo e esporte de Cametá de 2014 e 2015 dos grupos carnavalescos: “Atentados da folia”, “A Bicharada”, “Engole Cobra”, “Linguarudos”, “Quem são eles” e “Última hora” (Recibos, atestado de moradia, histórico, arrecadação municipal, certidão negativa de débito, NF de prestação de serviço e ofício de solicitação de verba).

1.2 Histórico do cordão “os linguarudos”. Rio Santana, 2004.

1.3 LOUREIRO, João de Jesus Paes Loureiro. Inventário Cultural e Turístico do Baixo Tocantins. João de Jesus Paes Loureiro e Violeta Refkaslefsky Loureiro. 2. Ed. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará, 1987.

1.4 Dias, Benedito Medeiros. O passado é uma parada. Recordar é viver. Rio Santana, Cametá, 2006.

1.5 Revista Amazônia Viva, Julho de 2013, Edição: 23.

ENTREVISTAS

1.1 Afonso Nogueira, Ex-diretor de cultura de Cametá, 55 anos, 10/02/2016, Cametá (Pa).

1.2 Benedito Medeiros Dias, 70 anos, 03/11/2015, “Os Linguarudos”, Rio Santana – Cametá (Pa).

1.3 Clomiro Meireles, 65 anos, 01/11/2015, “Os Piratas”, Rio Turema – Cametá (Pa).

1.4 Eulálio Tenório, 54 anos, 10/11/2015, “Última Hora”, Rio Tentém – Cametá (Pa).

1.5 Evandro Pires F. de Carvalho, 73 anos, 05/11/2015, Rio São Joaquim – Mocajuba (Pa).

1.6 Florivaldo Oliveira Neves, 47 anos, 05/11/2015, “Os Faladores”, Rio São Joaquim – Mocajuba (Pa).

1.7 Joanivaldo Lopes Mendonça, 45 anos, 04/11/2015, “Os Linguarudos”, Rio Jacarecaia – Mocajuba (Pa).

1.8 João Moraes, 66 anos, 66 anos, 10/11/2015, “Rei da Brincadeira”, Rio Pacovatuba – Cametá (Pa).

1.9 Manoel Pereira Marques, 80 anos, 04/11/2015, “Bola Preta”, Rio Viseu – Mocajuba (Pa).

1.10 Maciolene Da Silva Cruz, 01/11/2015, Rio Turema – Cametá (Pa).

1.11 Raimundo Pinto Batista, 10/11/2015, “Última Hora”, Rio Tentém – Cametá (Pa).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch, 1895-1975. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais / Mikhail Bakhtin**; tradução de Yara Frateschi Vieira – São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. **O que é História cultural?** / Peter Burke; tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2005.

_____. **Testemunha ocular: história e imagem** / Peter Burke; tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. **A escrita da história: novas perspectivas** / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré. **Vândalos na folia: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20**. 2001. 147f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e GONÇALVES, Renata. **Carnaval em múltiplos planos** / org. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Renata Gonçalves – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro, 1954 – **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**/Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. Texto publicado em Um Olhar sobre a cultura brasileira (Orgs. Márcio de Souza e Francisco Weffort). Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998. pp. 293-311. Disponível em: http://www.lauracavalcanti.com.br/publicacoes.asp?codigo_area=1#

_____. **Em torno do carnaval e da cultura popular**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 7-25, nov. 2010. Disponível em http://www.tecap.uerj.br/pdf/v72/maria_laura.pdf.

_____. **Dois ou três coisas sobre folclore e cultura popular**. Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares. Brasília: Ministério da Cultura, 2005. p. 28-33.

_____. Maria Laura Viveiros de Castro. **Os sentidos no espetáculo**. Revista de antropologia, V. 45 n° 1 – São Paulo, 2002. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27148/28920>.

_____. **Cultura e ritual:** trajetórias e passagens. In: Cultura e Imaginário. Org. Everardo Rocha. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1998. Pp.59-68. Disponível em http://www.lauracavalcanti.com.br/publicacoes.asp?codigo_area=1#.

CATENACCI, Viviani. **Cultura popular:** entre a tradição e a transformação. São Paulo Em Perspectiva, 15(2), p. 28-35. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer / Michel de Certeau; Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre incerteza e inquietudes / Roger Chartier, trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CUCHC, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais** / Denys Cuchc; tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia:** uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920 – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa** / Robert Darnton; tradução de Sonia Coutinho. – Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAMATTA, Roberto. 1936 - **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro/Roberto DaMatta. – 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo:** Sociedade e culturas no início da França moderna: oito ensaios/Natalie Zemon Davis – Tradução de Mariza Correa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira:** Nove reflexões sobre a distância/Carlo Ginzburg; Tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

_____. **O fio e os rastros:** verdadeiro, falso, fictício / Carlo Ginzburg; tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. – São Paulo; Companhia das Letras, 2007.

<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/735/showToc>, 04-04-16,19:36.

HUNT, Lynn. “Massas, comunidades e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. **A nova história cultural**; tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (O Homem e a História).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro:** o vivido e o mito/Maria Isaura Pereira de Queiroz – São Paulo: Brasiliense, 1999.

ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas_estatisticos/censo_2010/mapa_municipal_estatistico/pa/cameta_v2.pdf, 19-02-16, 14:40.

FRANCO JR., Hilário. **A Eva Barbada**. São Paulo: Edusp, 2010, p. 27-66.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** / Roque de Barros Laraia. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Cultura e Poder** – Col. Relações Internacionais – Vol. 3 – 2º Ed. Cultura e poder. Editora Saraiva, 2007. pp. 29-40.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural** / Sandra Jatahy Pesavento – 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MINOIS, Georges. **A história do Riso e do Escárnio**/Georges Minois; tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORAES FILHO, Mello. **Festas e tradições populares do Brasil** / Mello Moraes Filho, com um prefácio de Silvio Romero; desenhos de Flumem Junius – Brasília: Senado federal, Conselho Editorial, 2002. 386 p. (Coleção Biblioteca Básica brasileira).

NETTO, J. P. **Pequena história da ditadura militar brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

PETIT, Pere; VELARDE, Jaime Cuéllar. **O golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar no Pará: apoios e resistências**. Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 25, nº 49, p. 169-189, janeiro-junho de 2012.

Revista Eletrônica. TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **O Entrudo e as origens do nosso Carnaval**. 2006. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2006/02.pdf>, 17/08/2015 18h04min.

Revista Observatório Itaú Cultural: OIC. – N. 14 (mai. 2013). – São Paulo: Itaú Cultural, 2013. *GÓES, Fred. Brasil: o país de muitos Carnavais*. p. 61-70. 2013.

RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. O outro: esse difícil. In. **Identidade e etnia; Construção da pessoa e resistência cultural; Campinas, brasilienses**, 1986.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 2ª. Ed. São Paulo: brasiliense, 1984.

SANTOS, Vanicléia Silva. **Os ritos e os ritmos da micareta no sertão da Bahia**. Proj. História, São Paulo (28), p. 243-269, junho. 2004.

SANTCHUK, João Miguel Manzolillo. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. 2009. 222f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília (UNB), 2009.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum** / E. P. Thompson: revisão técnica Antônio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

VELARDE, Jaime Cuéllar. **No Crepúsculo: Memórias Subversivas da Ditadura Civil-Militar na Amazônia Paraense (1964-85)**. 2012. 155f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, da Universidade da Amazônia, Universidade da Amazônia (UNAMA), 2012.

VELARDE, Jaime Cuéllar; SARRAF-PACHECO, Agenor. **Silêncios da historiografia brasileira: O golpe civil-militar em experiências de pesquisa no Pará**. Antíteses, v. 8, n. 15esp., p. 160-177, nov. 2015.

ANEXOS

01- Chegada do cordão “Os piratas” na comunidade do Rio Turema em 1998. Foto de posse da Sr.^a Maria Elza dos Santos, esposa do Sr. Clomiro Meireles que durante mais de 25 anos dançou no cordão.

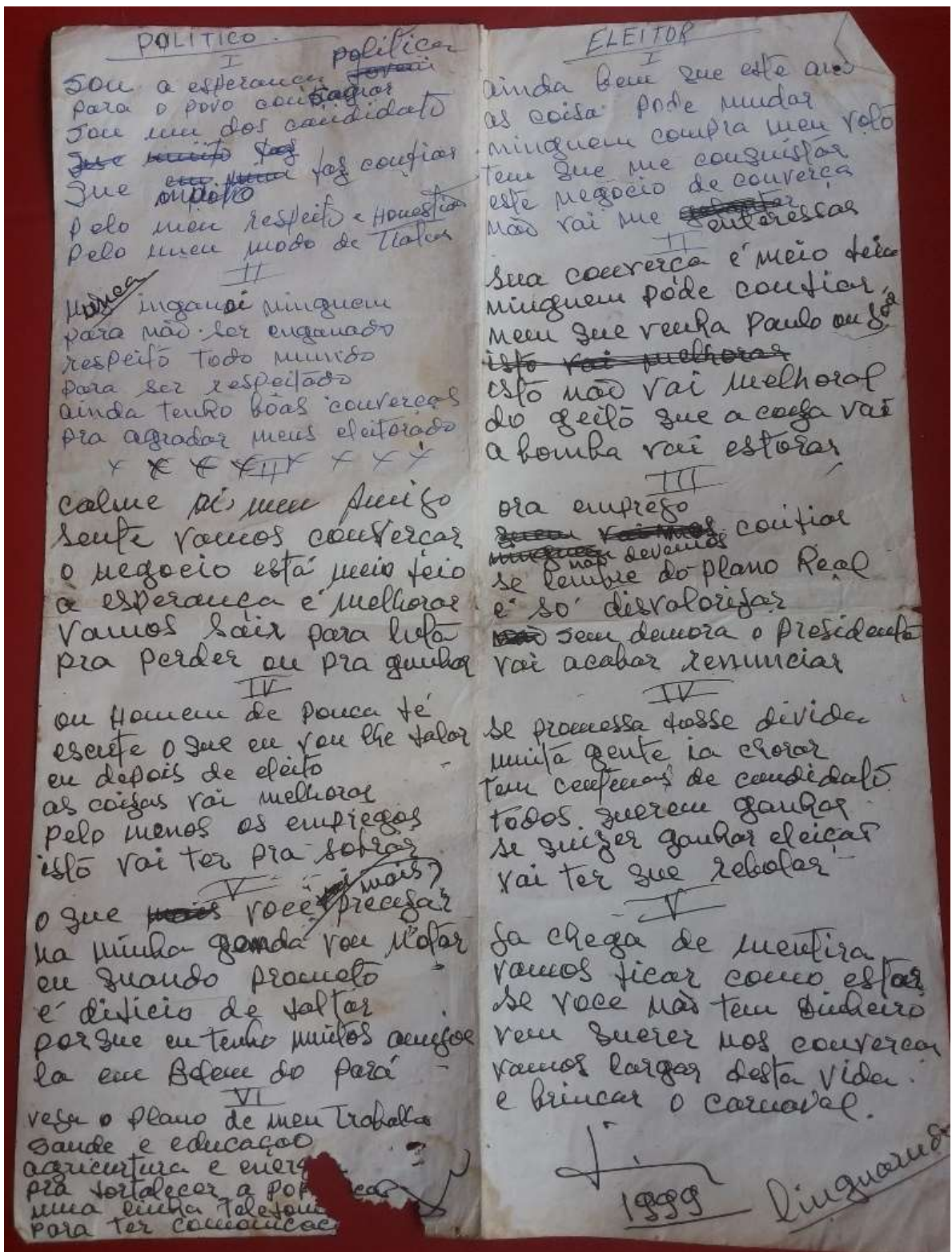


02. Chegada no barracão no Rio Turema no dia da festa de encerração no Carnaval de 2008.

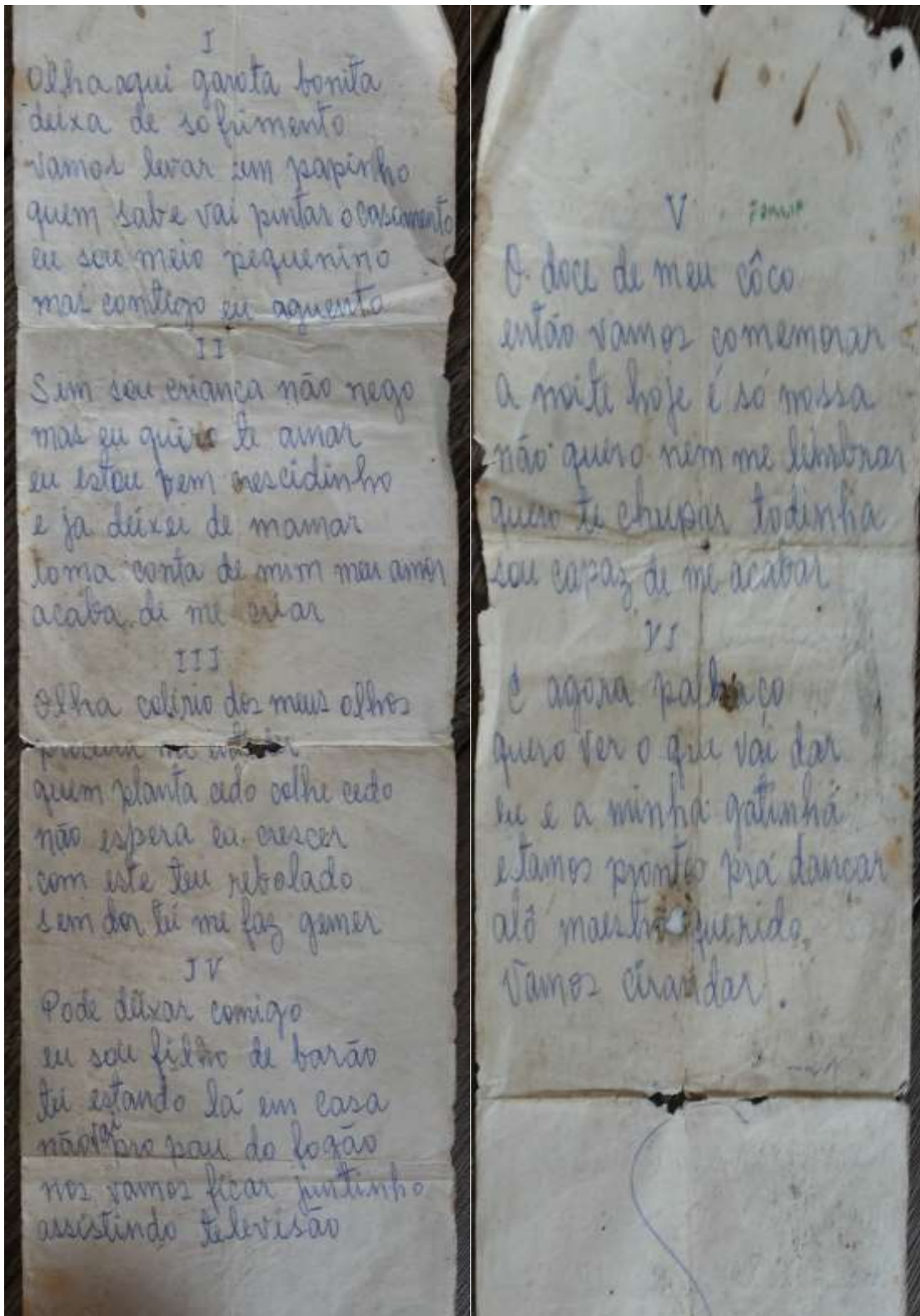
Em destaque na foto estão: Vanessa e Valéria irmãs gêmeas (na época tinham 8 anos) e à esquerda o Sr. Clomiro como o 1º palhaço e à direita o Sr. Ronaldo como 2º palhaço. Foto de posse da Sr. Maciolene da Silva, moradora do Rio Turema e mãe das então crianças.



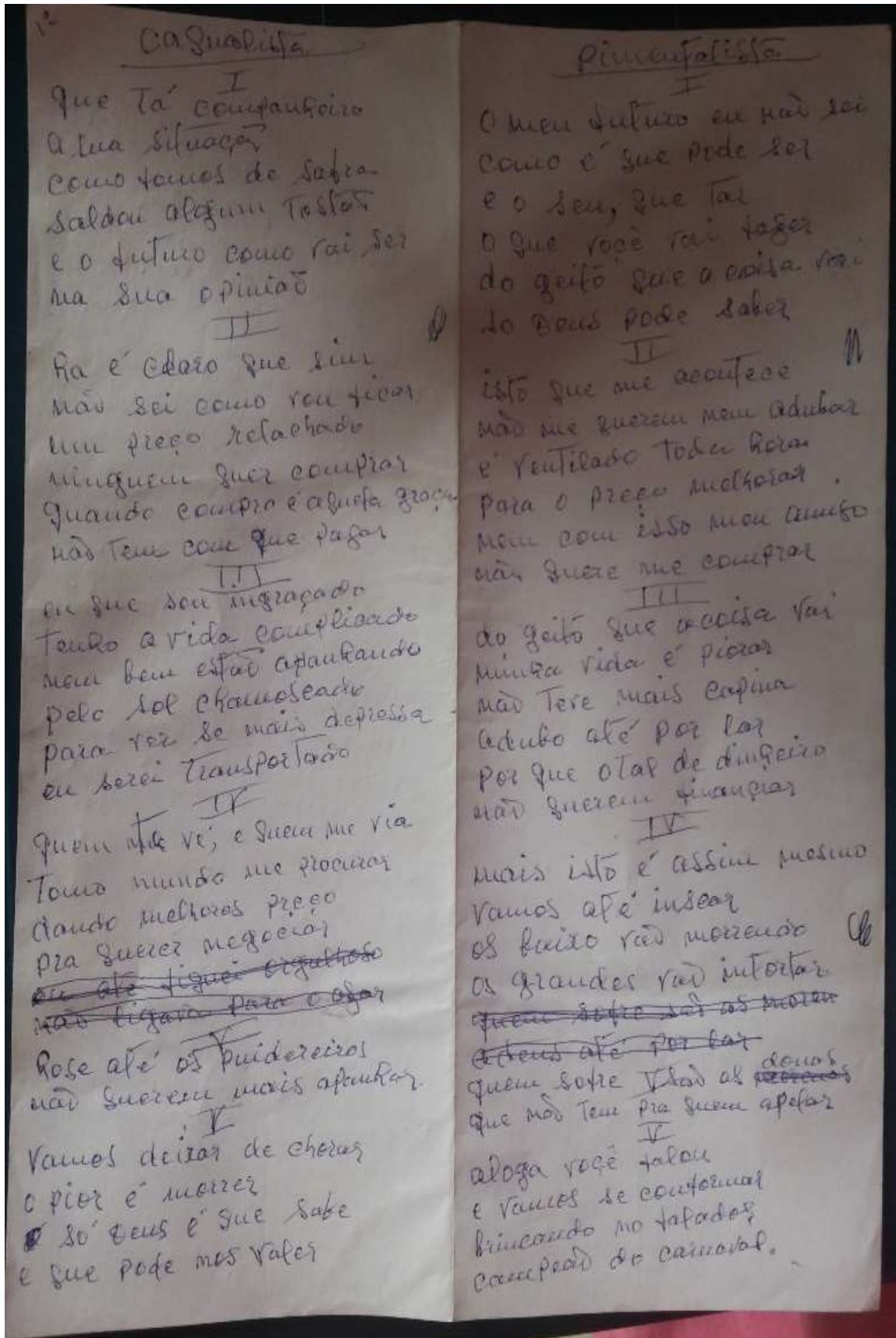
03. Comédia escrita pelo senhor Neco Dias para o Carnaval de 1999 para "Os Linguarudos".



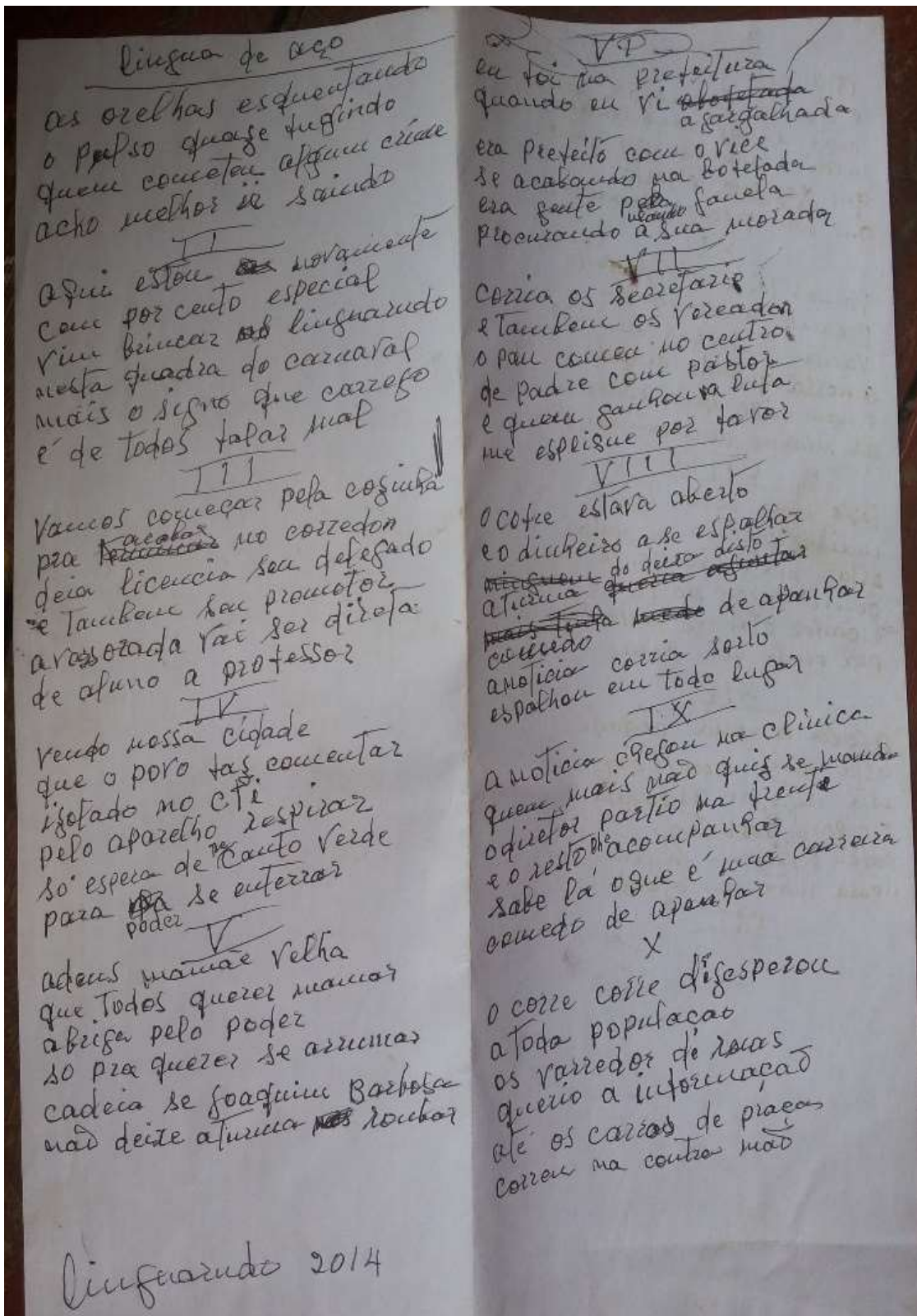
04. Comédia escrita pelo Sr. Eulálio Tenório para o "Última Hora".



05. Comédia escrita pelo Sr. Neco dias para "Os Faladores" no Carnaval de 2006.



06. Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o personagem: Língua de Aço de "Os Linguarudos" no Carnaval de 2014.



07. Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o personagem: Reclame de "Os Linguarudos" no Carnaval de 2012.

Reclame

Agora chegou a Hora
das grandes decisões
vou falar somente a verdade
mas quero reclamação
doar a quem doer
mas tem que a ser punição

II

O mundo está virado
é virado de pernas pro ar
e mulher deixando marido
quei querendo se casar
agora donna neste barulho
e quando vai se acordar

III

Quando a gente passa na rua
proste bem atencão
as garota fala logo
lavai o meu gatão
ai agente não perde
aguenta beba o casião

IV

agora não tem esculha
é sozeira ou cabada Tico Tico ^{no tubo}
Tendo o dinheiro no bolso
Vamos ver que bicho das
deia pomba ou carazucé
mais tem que araturar

V

falam de homem de dois dentes
antes prevenir de que remediar
quando uma está parida
tem outra pra consolar
ai ninguém não fica
sem o barco pra viajar

VI

Mulher é palavra doce
facio de pronunciar
se tiver coisa melhor
Deus não deixou neste lugar
levar pra bem longe
sem ninguém pra cofigar

VII

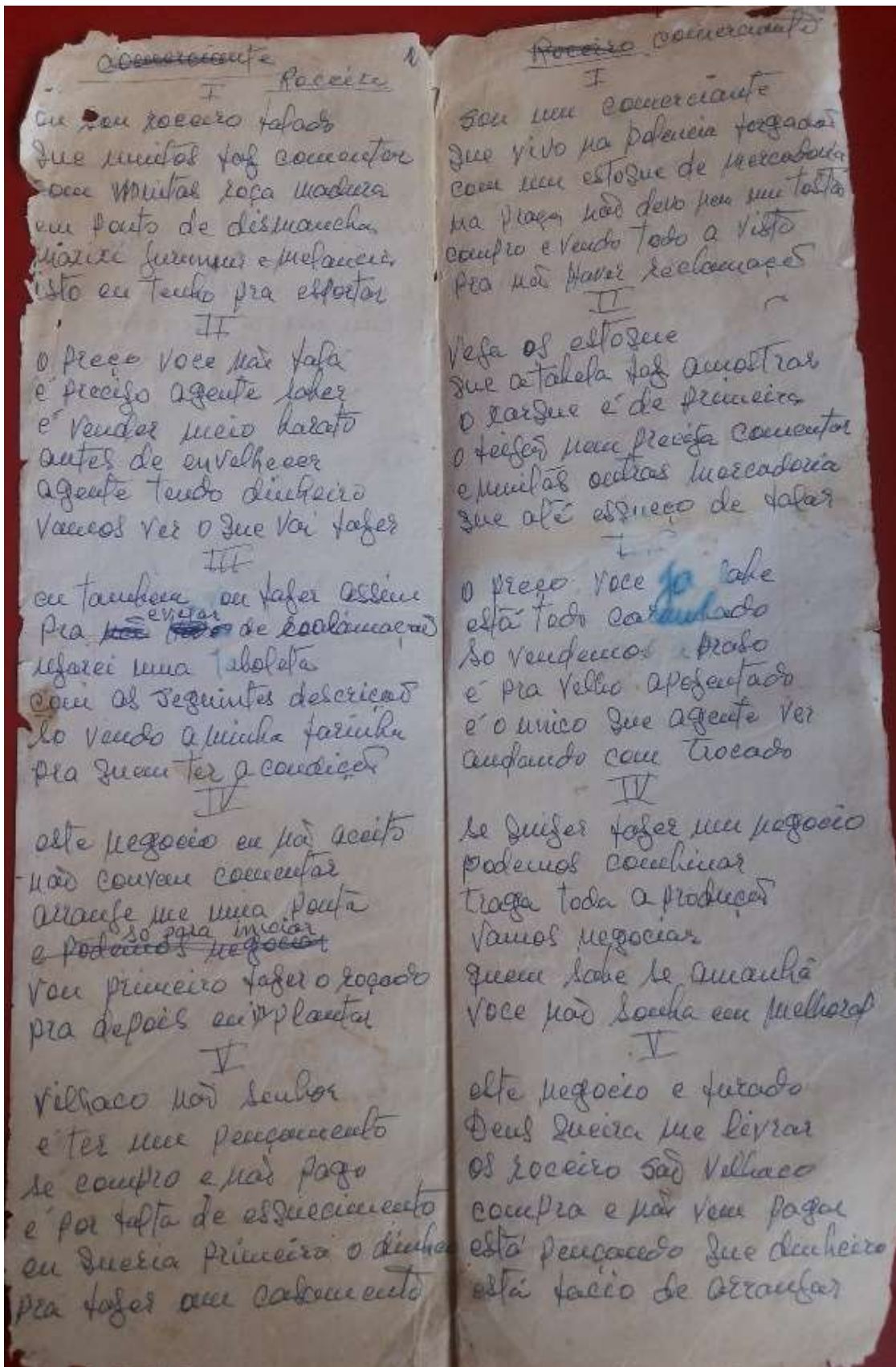
eu já vi temor de terra
já vi tomba estoror
Caixa d'agua pegando fogo
não quero nem me lembrar
é por isso que me falam
linguarudo em primeiro lugar

VIII

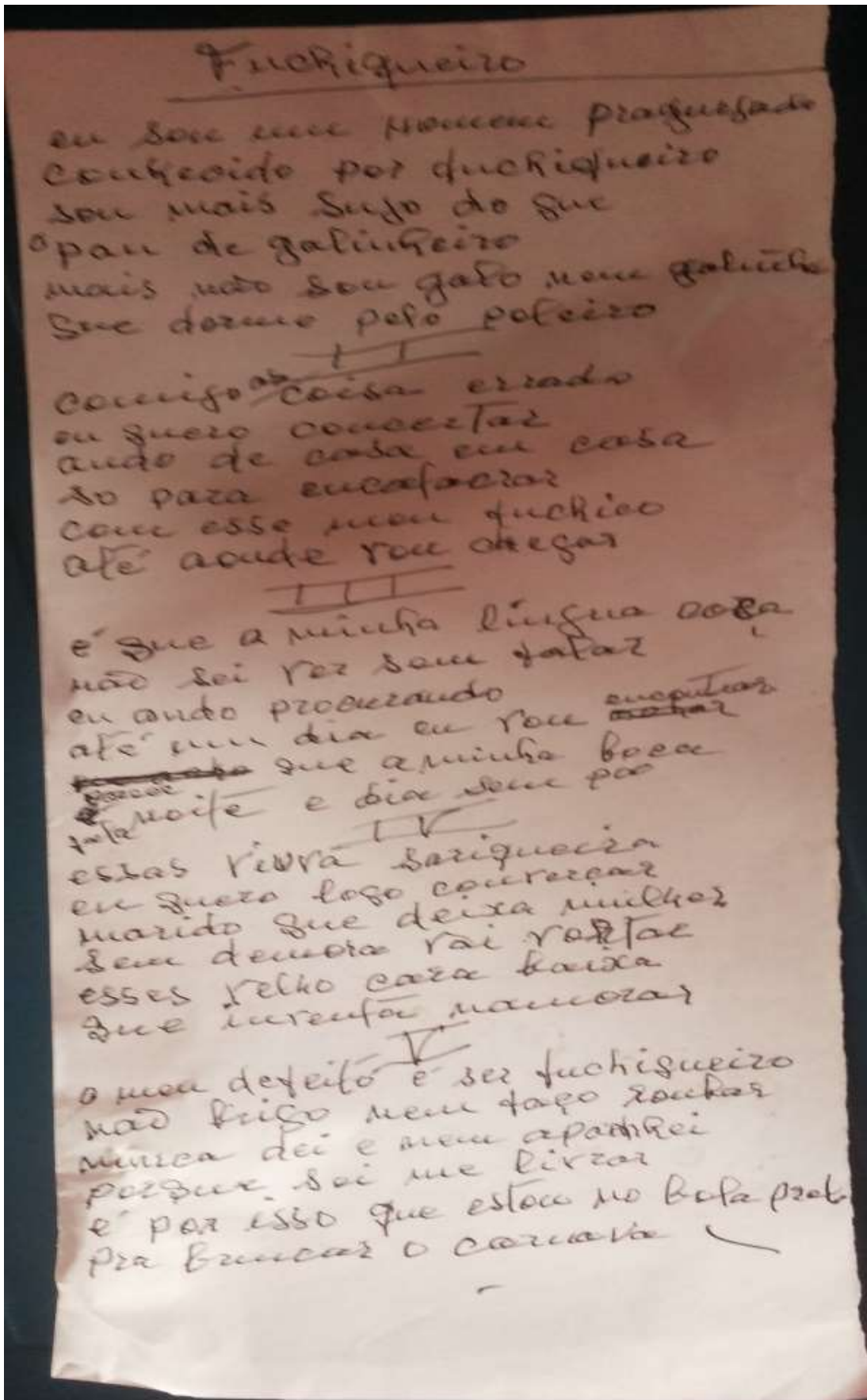
Quando você vê uma mulher
meio cá meio lar
com um chotinho bem apertado
não vá se admirar
Vamos pensar no linguarudo
o campeão do carnaval.

2012

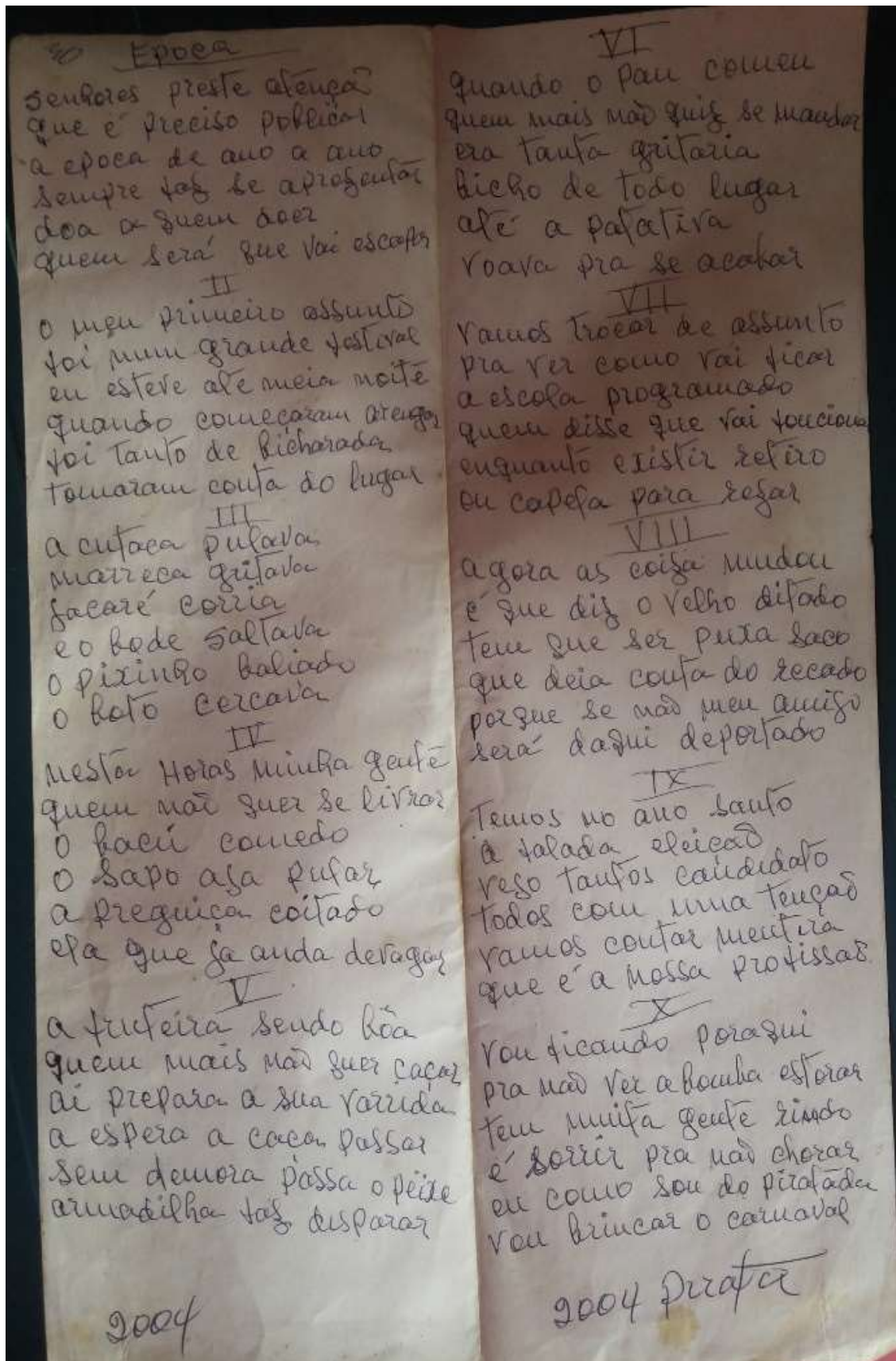
08. Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para os personagens: Comerciante e Roceiro de "Os Linguarudos" no Carnaval de 1997.



09. Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o "Bola Preta" no Carnaval de 2012.



10. Comédia escrita pelo Sr. Neco Dias para o personagem: Época de "Os Piratas" no Carnaval de 2006.



11. Comédia escrita pelo Sr. Maneco Leão+ para o cordão “Os Linguarudos” por volta da década de 70 e censurada pelo regime ditatorial. Encontra-se no histórico do cordão.

“Capitalista:

Eu sou capitalista
Que vivo na opulência folgado
Com 50 motores na linha
Na praça não devo um tostão
Já dei murro em ponta de faca
Já trabalhei no pesado
Hoje eu digo com orgulho
Eu sou folgado.

João Ninguém:

Folgado, folgado
Não me parece bem
Para pessoa que tem
A cadência pesada
Por ter roubado alguém
Eu sou um desses coitados
Meu nome é João Ninguém.

Capitalista:

Rapaz não adianta gaguejar
Não sou policial nem padre
Não posso te confessar
Mesmo não te conheço
Não queira argumentar
Cai fora do meu caminho
Não vem me insultar.

João Ninguém:

Eu não estou te insultando
E nem falando mentira
A palavra nua e crua
É esta que estou falando

Sabes que sou Linguarudo
E acabo soltando tudo.

Capitalista:

Soltando, soltando
O que não interessa falar
Com dinheiro eu compro tudo
E o que é que há
Para o teu governo
Em Belém já vou morar
Se precisar de esmola
Vai lá que posso te dar.

João Ninguém:

Oh! Miserável contrabandista
Cretino, infame, borçal
Deve pensar o que diz
Tu és a quinta coluna
Que vive roubando o país
Não mexe com minha língua
Senão eu meto o nariz.

Capitalista:

Para, para João Ninguém
Vamos se acamaradar
Tem aqui uma gorjeta
Tudo isto é carnaval

João Ninguém:

Bom, sendo assim
Vamos conversar
Mas isto quem sabe
Depois do carnaval. ”

12. Comédia escrita pelo Sr. Maneco Leão+ no retorno dos “linguarudos” após a censura.
Encontra-se no histórico do cordão.

I

“Mais uma vez estou aqui para brincar
Do carnaval ninguém pode escapar
Fui lá na cadeia visitar o pessoal
Os assassinos eu não vi por lá
Perdi o melhor este foi o resultado
Linguarudo, obrigado!

II

Fui escoltado como um grande criminoso
Pois a polícia para isto se abalou
Ela é mandada
Está cumprindo seu dever
Não é a culpada do que veio acontecer
Em Cameté eu fui muito bem tratado
Linguarudo, obrigado!

III

Pão com manteiga foi a minha refeição
Achei amigo nesta triste ocasião
Quando sai fiquei louco pra brincar
Fui procurando um motor para alugar
E lá no porto caiu n’água o desgraçado
Linguarudo, obrigado!

IV

Agora sim eu fiquei mais sossegado
Meu presidente já se acha empossado
Com ele é peia não haverá tapeação
Vai acabar com os parasitas da Nação
Capitalista é preciso ter cuidado
Linguarudo, obrigado!